

Ano III Nº 24 Mar. 1994

Diferencial



Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico

PARA CIMA E PARA BAIXO

"TRABALHOS"
NO CAMPUS
DO IST



editorial

Enquanto escrevemos estas linhas pensamos se alguém irá realmente lê-las e (privilegio dos privilégios) comentá-las.

Se ninguém ler o que escrevemos podemos dizer o que bem nos apetece. Que importa? Não há consequências. A partir do momento em que o que escrevemos é lido por muita gente o caso muda de figura. Há que ter a certeza de que não estamos a deturpar os factos. Há que ser sóbrio.

E porquê afinal? Muitos jornaes não têm qualquer problema em retocar a realidade, seleccionar os factos que causam mais sensação. Não restam dúvidas que isso vende. Então porque é que nós devemos de preocupar?

A liberdade de informação é um bem inestimável e perigoso. Qualquer mensagem pode ser passada, mas toda ela tem consequências. A forma como um texto é redigido pode mudar completamente o seu sentido, por exemplo. Quem escreve deve estar plenamente consciente disso.

Felizmente o Diferencial não tem que vender. É de graça. Felizmente tem uma equipa consciente de que não está aqui para vender. Por isso vale a pena gastar dias e perder horas de sono a escrever.

É se um dia sonhaste ser jornalista, ganhar um prémio Pulitzer, ou de se viste qualquer coisa que tinhas que contar a toda a gente... por que esperas? Traz as tuas palavras ao nosso caixão, na AEIST e lê-as na próxima edição do Diferencial.

A Redacção do Diferencial

Diferencial: uma publicação da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico. Direcção: Carlos Ramalho, João Henriques e Valério Caeiro. Edição: António Moia, Carlos Alexandre, Carlos Ramalho, Eric Manuel, Moisés, João Henriques, João Moia, João Ramos, José Santos, José Manuel, Nelson Marques, Nuno Santos, Pedro Beça, Pedro Ferreira e Valério Caeiro. Colaboradores neste número: João Godinho e Pedro Reis; consultor gráfico: Carlos Almeida; fotografias: Nélson Almeida; fotografias: Carlos Almeida; Vitor Pereira; imagens: 3000 imagens.

UMA NOVA FORMA DE CONTAR A VERDADE

João Carlos Henriques

A Idade dos Porquês



Humilde contribuição do autor para a nova forma de contar o verdade que, durante o última conversa de olmoço, o Professor Carvalho Rodrigues, com a sua habitual mestria e eloquência, provou ser necessária.

satélite português (já agora ficou por perguntar quem era a mãe) iniciou o seu brilhante discurso de abertura onde, entre outras coisas, tivémos o privilégio de conhecer a verdadeira história da ciência, em que ficámos a saber que Elsenberg descobriu que pela via experimental nunca vamos saber o que é a felicidade, e que cada avanço da ciência constitui uma nova forma de contar a verdade, sendo, portanto, lícito aceitar como verdade a teoria de que os átomos se assemelham a bolos de passas, apesar da resistência que a esta ideia oferecem as mentes mais retrógadas como a minha professora de química do 12º ano.

De seguida entrámos no ponto fulcral da questão que era a necessidade que as novas gerações têm de encontrar uma nova forma de contar a verdade.

Aqui, num discurso em que se entrecalavam verdades notáveis como o facto

O autor da pergunta ainda tentou atingir o nível da resposta interrogando-a sobre se o consideraria aceitável descrever Hífler como um patriota que amava o seu país e que reduziu a inflação e a taxa desemprego

A conversa prometia. O homem estava aparentemente sóbrio e a assistência demonstrava uma certa esperança de ouvir, pelo menos um encadeamento coerente de três frases.

A sala foi-se compoado e o «pai» do

Só aos menos crédulas poderá parecer que a pergunta não foi respondida, pessoalmente, a minha teoria é que a resposta não chegou aos destinatários por ter ficado presa no filtro constituído por sandes mistas que o professor tinha na boca, certamente com o intuito de melhorar a projecção de voz.

de na actualidade o mundo se defrontar com quatro pragas (a sida, a droga, a fome e a guerra) com frases cujo significado e relevância para o discurso se apresentavam inacessíveis às mentes atrofiadas presentes na sala, foi-nos demonstrado que eramos cobardes por o sol não ser a primeira coisa que nos vinha à cabeça quando interrogados sobre o que víamos no céu, e pouco observadores quando depois de o professor ter desenhado um triângulo num «Associação» e ter interrogado o que era aquilo termos respondido «nm triângulo» e não «as propostas do ENDA».

Seguiu-se uma sessão de perguntas onde, quando interrogado por um elemento de um pasquim de circulação clandestina que dá pelo nome de «Diferencial», sobre se dizer à opinião pública que o PoSat é português era a sua forma de contar a verdade e sobre o seu papel enquanto cientista na concepção do satélite, respondeu com uma dissertação sobre a complexidade das várias tecnologias inerentes ao fabrico de nm tal aparelho e sobre a necessidade de importar essa tecnologia.

Só aos menos crédulos poderá parecer que a pergunta não foi respondida, pessoalmente, a minha teoria é que a resposta não chegou aos destinatários por ter ficado presa no filtro constituído por sandes mistas que o professor tinha na boca, certamente com o intuito de melhorar a projecção de voz.

Interrogado, de seguida sobre como é

que, face à diversidade de maneiras de contar a verdade, se conseguia distinguir uma versão da verdade de uma mentira, começou por dizer que não tinha todas as respostas. Como se a assistência parecesse incrédula com tal afirmação, lá acabou por deixar escapar que se um número suficientemente grande de pessoas acreditavam numa coisa, então devia existir aí um fundo de verdade.

O autor da pergunta ainda tentou atingir o nível da resposta interrogando-o sobre se consideraria aceitável descrever Hitler como um patriota que amava o seu país e que reduziu a inflação e a taxa de desemprego, mas foi imediatamente repostado no seu nível com uma resposta implacável: «não é pela censura que vamos lá...».

Ficámos assim a saber que o processo disciplinar movido pelo mestre, juntamente com o Dr. Veiga Simão, com vista a expulsar o professor Tabor da Duarte da função pública, não foi motivado por um guião para uma peça de teatro escrito pelo visado e baseado na lenda de Simão Mágico (aquele que tentou comprar o poder do espírito santo), com o alguém, certamente com o intuito de difamar os dois acérrimos defensores da democracia, escreveu no processo.

O eminente cientista reiterou, de seguida, a necessidade de encontrar uma nova forma de contar a

verdade pois as antigas já não serviam.

Por esta altura um senhor de cabelos brancos, que mais tarde se veio a descobrir ser o professor Delgado Domingos, com o objectivo notório de achincalhar a conversa referiu que por muitas versões da verdade que existissem continuava a preferir aquela que tinha permitido construir pontes.

A conversa continuou, apesar das tentativas de sabotagem por parte de alguns professores presentes movidos, certamente, pela inveja, mas sem que o humilde autor destas linhas tenha conseguido captar nada de novo.

Quando no fim o mestre me deu a honra de perguntar se eu tinha gostado, apenas consegui balbuciar que estava confuso.

A resposta ficará para sempre a ecoar na minha mente: «MAS ISSO É OPTIMO, É PRECISO QUE AS PESSOAS FIQUEM CONFUSAS».



A (CON)TRADIÇÃO

João Carlos Henriques

Visito guiada pela História o pelos tradições do Instituto Superior Técnico. Desde Alfredo Bensaúde até à Tuna muito mudou. Aqui se faz um balanço do que mudou, do que ficou, do que se ganhou, do que se perdeu e, mais importante de tudo, do que só está a ganhar e a perder.

O Instituto Superior Técnico foi criado a 23 de Maio de 1911.

Resultado da visão pedagógica e científica de Alfredo Bensaúde, professor da cadeira de Mineralogia e Geologia do antigo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, e da vontade política do então ministro do fomento do Governo provisório da República Portuguesa Dr. Manuel de Brito Camacho.

Nascido nos Açores e formado na Alemanha, Alfredo Bensaúde tinha um ideal para a sua escola à imagem das Altas Escolas Técnicas Alemãs onde se tinha formado.

Esse ideal seria, mais tarde, concretizado por outros países e outros institutos dos quais o exemplo mais conhecido é, sem dúvida o M.I.T. nos Estados Unidos.

O Instituto apareceu, assim, em total ruptura com a tradição universitária portuguesa e, nomeadamente coimbrã.

Com efeito, as diferenças eram notórias.

O corpo docente não era constituído por catedráticos, mas sim por pessoas que entravam por convite ou por concurso directo a professor. Eram sempre pessoas com experiência de engenharia, recrutadas entre

aquelas que Alfredo Bensaúde «tinha como referência serem os melhores engenheiros e os melhores pedagogos nas suas áreas» como nos conta o Prof. Mouraz Miranda. Dizia a este respeito, nas suas famosas Notas Históricas Pedagógicas Sobre o Instituto Superior Técnico, Alfredo Bensaúde: «(...) A primeira das condições para que uma escola seja boa é possuir um professorado o mais sábio possível; o resto é muito fácil de conseguir; mas, sem esse elemento basilar, são inúteis todas as reformas, todas as leis e todos os regulamentos. (...)».

Compreende-se a dificuldade que havia, ao início, em encontrar pessoas em Portugal que satisfizessem estes requisitos, razão pela qual muito do corpo docente original desta escola era estrangeiro. Não havia quaisquer escrúpulos em ir buscar um estrangeiro para leccionar uma cadeira, desde que fosse o melhor.

Isto era, como se pode verificar, frontalmente contra as tradições universitárias, em que os professores iam subindo os diversos degraus da hierarquia, bastante à semelhança do que acontece agora; mas também o Técnico estava fora da Universidade, não era uma escola Universitária, e só anos mais tarde é que começa a formar doutorados.

Mas não era só aqui que o Técnico se distinguia.

Inicialmente havia quatro cursos (Mecânica, Química, Minas e Civil), tendo Electrotecnia aparecido pouco depois. Em cada curso havia quatro professores, mais os doutorados em Matemática, Economia e Física; cada professor tinha um primeiro assistente que, por sua vez, tinha dois segundos assistentes. Além destes havia os mestres de oficinas. O número de docentes era, portanto, muito superior ao das Faculdades. Era aqui que o Técnico se distinguia e, de certa forma, se continua a distinguir (temos hoje cerca de 500

doutorados, muito mais do que a maioria das Universidades).

Mas se as condições oferecidas eram excelentes, o esforço exigido era proporcional.

Apesar disto, praticamente não havia chumbos nos exames: os que os professores viam que não estavam em condições, eram, muito pura e simplesmente, impedidos de fazer exame.

O Técnico rompia, portanto, com toda uma tradição universitária coimbrã da capa e batina e do elitismo universitário (imaginem a volta que o pobre Bensaúde deu na tumba quando, certamente por ignorância, um dos nossos colegas pôs uma capa sobre os ombros do seu busto no átrio do pavilhão central). Um aluno do Técnico distinguia-se não porque usava capa e batina, mas porque era BOM.

As tradições

Há, no entanto, outras tradições que se foram enraizando no Técnico.

Entre outras podemos referir o lançamento de foguetes sempre que se formava um engenheiro (tradição esta que ainda hoje se mantém), ou os exames, sempre feitos com um traje próprio: fato azul, com emblema do I.S.T. ou da J.U.C. (juventude universitária católica). Por outro lado, o aparecimento da A.E.I.S.T. quase ao mesmo tempo que o próprio Técnico, talvez tenha contribuído para aquela que, segundo o professor Abreu Faro, é uma das mais fortes das tradições do Técnico: uma enorme união entre alunos e professores; uma união que o fundador preconizava (também em ruptura com a tradição universitária) e que era facilitada, por um lado pelo pequeno número de alunos por professor e por outro, pelo respeito e confiança mútua que existia, factores estes que infelizmente se parecem estar a perder.

O Estado Novo

Com o advento do Estado Novo, e pela mão do Engenheiro Duarte Pacheco, o Técnico instala-se na Alameda (as antigas instalações ali para os lados da Kapital não se revelavam adequadas, nem ao tipo de ensino ministrado, nem ao ideal de ambiente que Alfredo Bensaude (que, entretanto tinha abandonado o Instituto no princípio dos anos vinte) queria para os seus estudantes, com espaços de desporto, lazer e convívio, etc.), iniciando-se uma nova fase na sua vida.

Vivia-se, então, o período áureo do antigo regime, mas apesar dos muitos homens aqui formados que integraram governos de Salazar, pode-se dizer que o Técnico nunca foi uma escola do regime. Com efeito, estes engenheiros entre os quais pontificam, por exemplo, o eng. José Ferreira Dias, ministro da Energia e responsável pela rede eléctrica nacional (que ironicamente morreu devido a uma falta de energia eléctrica quando se encontrava internado num hospital) ou o próprio eng. Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e grande responsável pelas grandes obras de modernização das infraestruturas viárias e não só (e que, também ironicamente morreu num desastre de viação), eram essencialmente técnicos. Por outro lado, professores havia que eram bastante críticos em relação ao regime.

A Consciência...

A vida académica sempre foi vivida intensamente no nosso Instituto, não apenas na sua vertente curricular, como nos seus aspectos lúdicos e de intervenção na sociedade.

É por demais conhecido o papel de liderança que o Instituto exercia na Academia Lisboaeta. Esse papel advinha da sua enorme força, conferida pelo grande número de alunos e pelo poderio económico que resultava da exploração de espaços e de recursos de que as outras associações não dispunham. No dizer de várias pessoas ligadas ao movimento estudantil nos anos sessenta como o professor Dias de Deus, o Técnico era a fortaleza do movimento académico, sempre à frente e inextinguível.

Nos anos da contestação ao regime era o Técnico, acompanhado pelo seu irmão

"(As praxes e a capa e botina) eram tradições de um sítio onde toda a cidade girava em torno da sua Universidade, e onde os estudantes eram vistos como seres especiais"



gémeo, o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, actual I.S.E.G. (criado pelo mesmo decreto que deu origem ao Técnico), que liderou este movimento, pesem embora as diferenças de dimensão que existiam entre as duas associações.

Quando o dinheiro faltava, era a A.E.I.S.T. que as outras direcções se dirigiam; quando a PIDE decidia fechar associações, a do Técnico era a última a ser afectada (até porque o ácido sulfúrico tem efeitos nefastos sobre as viaturas e sobre a pele humana como alguns polícias depressa aprenderam).

Os dirigentes associativos de então tinham plena consciência do papel que desempenhavam na sociedade, e assumiam-no com uma maturidade admirável. Foi esta maturidade que, algumas vezes, foi confundida com sisudez por aqueles que não sabiam apreciar a ponderação nas atitudes.

A impressão que a maior parte dos estudantes de fora do Técnico tinham dos alunos desta casa era, no entanto outra...

...E as Borgas

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o Técnico era, já na altura, conhecido pelas festas que decorriam, quase quinzenalmente nos seus espaços. Eram, geralmente arraiais, de entre os quais se destacava o da semana académica, organizados com o intuito de conseguir receitas tão necessárias na altura. As festas eram frequentadas por gente de toda a Academia e assumiam um papel importante no convívio entre as várias universidades. No dizer de vários então estudantes de outras universidades, tanto as festas como os alunos do Técnico eram «bastante divertidos».

Obviamente que não se atingia o nível de algumas festas de Coimbra onde «meia dúzia de marmanjos se juntavam à volta de uma mesa a beber vinho a noite toda», mas também o objectivo não era esse.

Os anos que antecederam e que se seguiram ao 25 de Abril foram anos conturbados. A influência dos vários partidos e juventudes partidárias (do P.C.T.P./M.R.P.P. ao P.S.D.) levaram a que a vertente política do movimento académico se sobrepusesse à componente recreativa e

cultural, não só no Técnico como em toda a Academia.

A importação

É neste contexto que se começa a assistir, há cerca de oito anos a um movimento de importação das tradições e dos hábitos coimbrãos.

O primeiro sintoma foi o aparecimento das praxes. Não havia, em toda a academia Lisboaeta, e muito menos no Técnico, memória de tais ritos iniciáticos tipicamente coimbrãos, talvez porque em Lisboa a Universidade sempre foi mais aberta ao resto da sociedade, nunca houve a tradição nem das praxes nem da capa e batina. Estas eram tradições de um sítio onde toda uma cidade girava em torno da sua Universidade, e onde os estudantes eram vistos como seres especiais (é notável a ligação entre a capa e batina e as vestes clericais, reminiscentes de um tempo em que a igreja dominava a Universidade, juntamente com o hábito que em Coimbra havia de rapar e a cabeça dos caloiros).

O que é mais curioso é que, mesmo em Coimbra, estas tradições tinham sido abolidas na década de sessenta, devido ao seu carácter elitista.

Estes novos hábitos criados pelos alunos, depressa foram seguidos pelos professores que, em determinadas cerimónias, começaram a utilizar indumentária própria e típica da Universidade de Coimbra.

É no seguimento disto que se assiste ao ressurgimento das tunas.

A Tuna

As tunas eram instituições tipicamente Coimbrãs, que tinham nos orfeãos o seu mais próximo equivalente na academia Lisboaeta. Havia, no entanto, diferenças fundamentais, uma vez que os orfeãos não se limitavam ao repertório popular.

Não é portanto, de estranhar as reservas com que muita gente encarou o aparecimento das tunas e, em particular da Tuna do Instituto Superior Técnico.

Aí estavam, na escola que sempre se distinguiu pela originalidade, um grupo de alunos que se reclamavam herdeiros de uma tradição que não só nunca foi nossa, como vai

frontalmente contra os ideais que presidiram à criação do nosso Instituto.

Do outro lado estão aqueles que consideram que a tuna presta um serviço válido ao nosso Instituto.

Efectivamente, pode-se afirmar que, ao impor-se musicalmente como uma das melhores tunas da actualidade, a T.U.I.S.T. mantém a tradição de excelência que sempre caracterizou o nosso Instituto. Por outro lado, nas suas actuações um pouco por todo o país, e mesmo pelo estrangeiro, levam consigo o nome da nossa escola.

No entanto, esta nova imagem do Técnico, levanta várias questões.

Aquela que, porventura já terá passado pela cabeça de mais pessoas é, obviamente, se um Instituto onde quase trinta por cento dos alunos são do sexo feminino, e que sempre primou por ser uma escola de tipo igualitário onde as pessoas se impunham pelo seu valor e não em função do sexo (esta tradição foi magistralmente explicada por um elemento da tuna: «se calhar era porque as raparigas eram tão parecidas com homens que não havia razão para discriminações»), não seria melhor representado por uma tuna mista.

A Tuna Importitória

Como muitos certamente sabem, aquando da sua formação, a tuna incluiu elementos dos dois sexos. Algumas raparigas foram convidadas, outras apareceram nos ensaios e foram aceites como membros de pleno direito.

A tuna cresceu e aos poucos foi-se começando a notar uma certa má vontade de alguns elementos em relação à presença de raparigas na tuna.

O primeiro argumento apresentado foi o de que a presença de raparigas numa tuna era contra a tradição.

Por tudo o que já foi dito, a simples existência de uma tuna é contra a tradição, pelo que nos vamos concentrar noutras argumentações.

Aqui, as versões divergem.

Elementos ligados à direcção da tuna afirmam que as raparigas não se enquadravam na tuna e que se mostravam sistematicamente

indisponíveis para as deslocações da tuna para fora de Lisboa.

Por outro lado, raparigas que estiveram na tuna afirmam que apenas não se enquadravam por falta de boa vontade (por parte de alguns rapazes) e que, se nunca estavam disponíveis é porque nunca eram avisadas.

Uma posição intermédia é a de que, com efeito elas não eram convidadas, uma vez que não costumavam sair (leia-se «ir para os copos» com os rapazes da tuna) e eram nessas saídas que, muitas vezes, eram decididas actuações.

Seja como for, e apesar de uma votação em que foi decidida a continuação das raparigas na tuna, elas começaram-se a sentir progressivamente deslocadas e acabaram por abandonar.

Isto é um facto consumado e pouco resta a fazer a não ser, talvez, a formação de um novo agrupamento feminino (ou porque não misto) se para tal houver vontade (já agora, e por tudo o que já foi dito, porque não chamar-lhe «Orfeon do Instituto Superior Técnico»). Há, no entanto, um aspecto bem mais preocupante em todo o espírito da capa e batina e do «vamos mas é para os copos», e que está muito longe de se cingir à tuna.

E Agora?

O maior problema é que com toda esta movimentação académica se está a perder a tradição de que os alunos do Técnico são, essencialmente, excelentes engenheiros.

É bem verdade que para isto, muito tem contribuído a progressiva degradação das condições de ensino, é, no entanto, crucial, para o nosso futuro profissional e não só, que o Técnico continue a ser o centro de excelência que sempre foi. Se por um lado é indispensável continuar a lutar pela melhoria das condições de ensino e aprendizagem, talvez seja, também necessário um maior esforço para, na medida do possível e apesar das adversidades, tentarmos manter o nível académico que nos tornou famosos.

É que é muito mais fácil sermos reconhecidos por irmos para os copos de capa e batina do que por sermos bons engenheiros.

A TORRE



... A INAUGURAÇÃO DA TORRE FOI IMPONENTE VEIO O PRESIDENTE DISTO, O MINISTRO DAQUILO E O DOUTOR DAQUELOUTRO!

QUANDO COMEÇA OS COMES E BEBES?

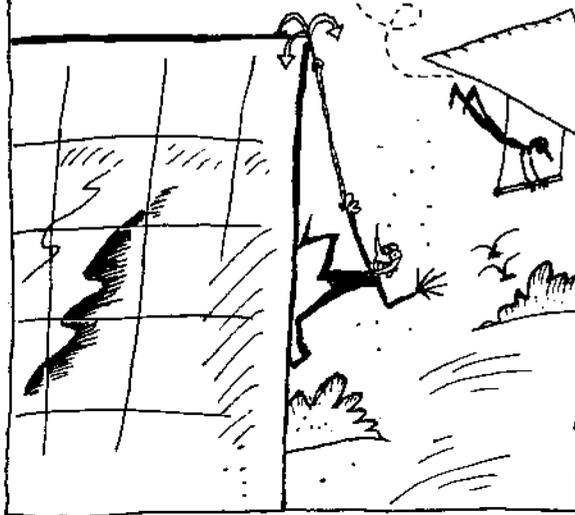
AINDA NÃO ERA PRA BATER PALMAS

MUITO BEM

O TECNICO TA' MAIOR, TA' CHEIO DA POTENCIA, CHEIO DA PUDANCA...

CLAP CLAP CLAP CLAP

REALIZARAM-SE ACTIVIDADES LUDICAS - O- CULTURAIS TAIS COMO ESCALADAS AO TOPO... E ASA DELTA ...



WARNING

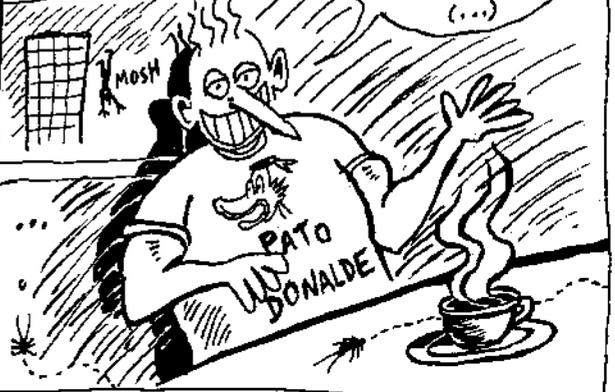


TEACHERS ADVICE!
DO NOT READ THIS

... E SERVIU COMO CENÁRIO PARA O ULTIMO FILME DO BRUCE WILLIS

ATAQUE TORRE DO ISTO COM O BRUCE WILLIS

I LOVE PORTUGAL!
VERY TYPICAL
VERY NICE
(...)



E NA HORA DO CHÁ O TAMBÉM SE FIZERAM ALGUNS CURSINHOS DA C.E.



TECNICAMENTE A TORRE ERA UM EDIFÍCIO INTELIGENTE COM NÃO SEI QUANTOS ANDARES...

Não acho que é muito bonita...

% muito alta...

E grande!

M RABO

RAPIDINHAS

RGA - PROPINAS

Realizou-se no passado dia 10 de Março, Quinta-Feira, uma RGA onde o único ponto constante da Ordem de Trabalhos dizia respeito ao tema das Propinas. A sua realização nesta altura foi justificada pela DAEIST, que a convocou, como sendo a melhor forma de informar os estudantes sobre o andamento do processo de pagamento (ou não pagamento, como queiram) das ditas cujas para o ano lectivo de 92/93. O historial deste processo foi feito e apresentado foi igualmente o já conhecido regulamento do IST para o pagamento de propinas relativos a esse mesmo ano. Com a apresentação e demonstração da relativa inocuidade do já referido regulamento no seu ponto de sanções aos não pagadores, ficou bem clara a diferença de dureza entre a Lei 20/92 (a anterior lei das propinas) e a actual, que estabelece automaticamente o que dantes era deixado ao critério de cada uma das escolas. Passadas várias intervenções foi finalmente votada, e aprovada com 1 voto contra e 4 abstenções, uma proposta apresentada pela DAEIST com vista a garantir ao não pagador de propinas do ano lectivo 92/93 os seus direitos de estudante, e assim harmonizar ainda mais o regulamento do IST com um parecer oriundo da Procuradoria Geral da República nesse mesmo sentido. De referir ainda que o nível de assistência para uma RGA no IST foi bom mas, para aquilo que seria desejável, francamente muito baixo.

ELEIÇÕES ACADÉMICAS

Foram agitados os últimos tempos nas principais Academias nacionais. Na Associação Académica de Lisboa, João Chambel (AEISEG-UTL) sucedeu a João Afonso (AEFAL-UTL) na presidência da direcção, após

concorridas eleições que o opuseram a José Cardoso (AEFE-Nova). Recorde-se que enquanto o primeiro é um claro contestatário à actual política de Ensino, o derrotado é tido como ideologicamente próximo do governo. A lista D, vencedora, integra também um elemento da actual direcção da AEIST, Ana Dias, que desempenhava funções de gestão da área desportiva da Associação. Também eleita foi a única lista que concorreu para o Conselho Fiscal da AAL, encabeçada por Paulo Campos, actual tesoureiro da AEIST. Registe-se que este é o terceiro ano consecutivo que o presidente da direcção da AAL é estudante da Univ. Técnica de Lisboa.

Para a Federação Académica do Porto apresentou-se uma única lista a sufrágio, liderada por Miguel Freitas (Fac. Eng. Porto). Se o anterior presidente, entre outras medidas igualmente interessantes, foi um dos subscritores do Pacto Social e pagou as propinas, a actual direcção apresentou-se com um discurso bastante radical em relação à política de Ensino durante o ENDA de Coimbra.

Em Aveiro, concorreram 3 listas aos órgãos sociais da Academia. Numa eleição muito disputada, venceu à segunda volta a lista P encabeçada por Luís Baptista e apoiada pela JS. Recorde-se que a anterior direcção tinha o apoio da JSD.

Na Associação Académica de Coimbra ainda não há sucessor para António Vigário. Decorreu ontem e continua hoje a segunda volta das eleições, disputadas entre a lista O de Tiago Magalhães e a lista S de Fernando Pompeu. Na primeira volta, disputada a 16 e 17 de Março, obtiveram 1883 e 1173 votos respectivamente. A lista S tem o apoio da JS, enquanto

que a lista apoiada pela JSD, presidida por Miguel Coleta, foi excluída da segunda volta ao averbar apenas 985 votos. Tanto a lista O como a lista S resultaram dum complicado processo que culminou, ao fim de 6 anos de existência, com a cisão da lista E. Recorde-se que havia sido esta lista que ao eleger a actual e a anterior direcção acabou com o longo reinado das «jotas» na maior Academia do País.

O "BITES" E A FÍSICA

O boletim informativo da LEIC intitulado «BITES» (da propriedade do grupo «Cem Censura») publicou no passado dia 7 o seu nº7. Esta edição provocou particular reacção (séria) a um artigo sobre as cadeiras de Física da LEIC que tem o título sugestivo «Física = um nojo».

Segundo o «Bites» tratar-se-á apenas da transmissão escrita das opiniões dos alunos das cadeiras respectivas sem qualquer censura. Pois é, viu-se! Vale a pena contar uma pequena história da Roma antiga: existia uma estátua chamada «Pasquino» onde os satiristas afixavam panfletos, maldizeres... e uma outra, chamada «Marforio» onde os indivíduos atacados respondiam aos primeiros. Daí advém o nome de pasquins...

Isto para dizer que se o Bites pretende ser um pasquim conseguiu-o mas, sem Marforio!

Não é com formas grosseiras que se resolvem problemas, apesar de que evidentemente algo vai mal no Reino da Dinamarca (neste caso, da Física). Trata-se de mais um incidente que evidencia a URGÊNCIA de uma discussão alargada sobre as cadeiras

horizontais (Matemática e Física) dos cursos do IST.

DÃO-SE ALVÍSSARAS...

De tez negra, com apenas um olho, bem constituída até e com um corpo bem feitinho, suave no toque. Era obediente e controlava-se bem com poucos dedos. Dava pelo nome de Canon EOS 700 e desapareceu de sua casa à algumas semanas. Juíga-se que foi sequestrada, apesar de ainda não ter sido pedido resgate. O sequestrador ter-se-á apaixonado e não se quer separar dela. Se alguém tiver informações contacte o Núcleo de Arte Fotográfica da AEIST. Esperamos que ao ler estas linhas o ladrão sintá compaixão pela nossa dor e nos devolva a luz dos nossos olhos.

Dão-se alvíssaras!

NOVA CANTINA

A nova cantina do IST vai finalmente abrir, no princípio do próximo mês de Abril. Será, segundo os responsáveis a melhor do país, dispondo de 4 pistas para tabuleiros, capacidade para 700 pessoas, um Snack-bar, e prevê-se que possa servir cerca de 2000 pratos em cada período de refeições.

Desde há muito tempo que a antiga cantina necessitava de obras de ampliação e remodelação, acabando por ser fechada em 92 pela falta de condições de higiene. Foi decidido construir uma nova cantina com capacidade e condições muito superiores, o que implicava um avultado investimento que tardou em aparecer, e é esta uma das razões para explicar o atraso na obra.

É um edifício contíguo ao

da associação, dispondo acesso directo ao bar da mesma e entrada própria independente. Na cave encontram-se salas para a armazenagem de alimentos que irão servir todas as cantina da UTL.

Estuda-se, ainda, a possibilidade de o salão de refeições funcionar como sala de estudo, com horário definido fora do das refeições. Existe ainda o compromisso por parte dos serviços sociais da UTL de construir um campo de ténis no terraço por cima da cantina, para que o campus do IST possa voltar a ter dois campos, condição necessária para que o técnico tenha uma equipa federada. Actualmente a associação está a pagar o aluguer de um campo no estádio universitário para obstar a este problema. No entanto, a colocação das condutas de ar condicionado por cima do terraço inviabilizou esta hipótese, pelo que se estuda neste momento a construção no local de uma esplanada.

NOVA SALA DO CIIST

Foi aberta recentemente uma sala equipada com novos PC's no CIIST. Estes têm instalado um pacote de programas que permitem fazer a interface entre o ambiente UNIX e o ambiente DOS (mais especificamente WINDOWS). Estão em fase de conclusão as obras na sala 5 que vai dispor de mais espaço. A sala 2 é a partir de agora uma área de apoio técnico aos utentes do CIIST, dispondo de um servidor de software Microsoft, de uma impressora laser, permitindo que os alunos deixem de se deslocar ao 1º piso, e de uma máquina com o SL-UNIX. O Prof. Jorge Barata, presidente do CDCIIST está confiante de não se vai ver a braços

com problemas idênticos aos surgidos no pavilhão das novas licenciaturas pois acredita na auto-responsabilização dos alunos que, aliás, tem correspondido na totalidade, e deixa uma mensagem - "todo o material destruído certamente não será substituído".

Este ano tem sido feito um esforço para melhor rentabilizar os recursos do centro de informática. Foram desta forma feitas algumas reformas na gestão das contas: depois da criação das contas de grupo (dedicadas exclusivamente a grandes utilizadores) foi reduzido o espaço em disco das áreas de alguns docentes para 1.5Mb. É de referir que havia docentes que dispunham de cerca de 50Mb enquanto outros tinham para utilizar apenas 500K. É igualmente de referir que haviam contas que não eram movimentadas há anos por os seus donos já não serem docentes nesta casa. Com estes rearranjos de memória os alunos passaram dos 150KB que anteriormente dispunham, para 1MB em Novembro e daí para os actuais 1.5MB.

Está-se também a trabalhar no sentido de activar o anel de fibra óptica, o qual já liga todos os pavilhões. No entanto, apenas o pav. de Civil já está preparado para ser ligado sem restrições a este sistema que permite detectar e monitorizar a rede bem como fazer a sua gestão de forma mais eficaz.

ROUBOS EM INFORMÁTICA

No passado mês de Fevereiro foram roubados 39 MB de placas de memória, dos computadores da sala F8-A no bloco dos F's. A sala foi fechada e o caso foi participado à PJ, não havendo sinais de arrombamento, pelo que se suspeita que o crime tenha sido efectuado por pessoas que utilizam

habitualmente estes computadores.

O prof. Paulo Veríssimo, responsável pelo parque informático tomou a decisão de abrir a sala numa altura em que ainda não há resultado das investigações policiais, uma vez que os alunos estavam a ser prejudicados por não poderem utilizar os computadores daquela sala. A verba para a aquisição de novas placas vai ser adiantada pelo FUNDETEC, e foi pedido ao presidente do IST o financiamento de um seguro do parque informático que está avaliado em cerca de 200.000 contos.

A coordenação da licenciatura pretende agora introduzir um sistema de acesso ao equipamento baseado nuns cartões que os alunos terão que entregar para poderem entrar na sala. Para adquirirem estes cartões, os alunos terão que pagar 1.000\$00 semestralmente, supostamente para pagar o ordenado a um vigilante das salas de computadores. Esta medida está-se a revelar muito polémica, uma vez que o Técnico não tem o direito de exigir aos alunos o pagamento do funcionamento e manutenção de quaisquer equipamentos que os alunos precisem de utilizar para realizar os trabalhos exigidos pelo currículo das suas cadeiras.

Se não conseguiste o número anterior do DIFERENCIAL, pede na Direcção da AEIST

A ORIGEM DOS PROBLEMAS

João Pedro Ramos

Segundo dados publicados pelo "The Economist", a produção industrial em Portugal teve uma variação relativa entre Setembro de 92 e Setembro de 93 de - 4.7%. Os outros países que estão a diminuir a sua produção industrial (ex-União Soviética, ex-Jugoslávia, ex-Checoslováquia), são na sua maioria ex-países. Sinal de que algo vai mal neste cantinho à beira-mar plantado.

Existe uma classe de "realistas" que acham que as contestações estudantis são só uma boa desculpa para se baldar às aulas, que os Estudantes não têm razão nenhuma, afinal são uns privilegiados que aos 20 anos ainda não trabalham, uns parasitas requintados da sociedade. Para essas pessoas, basta um olhar superficial para ver como Portugal progrediu nos últimos anos: há auto-estradas para todo o lado, toda a gente tem frigorífico, carro, telemóvel, televisão-a-cores-via-satélite-com-duzentos-canalís-em-árabe-que-não-se-percebe-nada-mas-que-impressiona-à-brava-as-visitas... E há sempre esses filões de ouro que dão pelo nome de fundos comunitários, os quais nunca foram tão abundantes e ainda vão durar cinco

anos (uma eternidade) para se esgotarem...

Para colocar no devido lugar estes acomodados que se recusam a aprofundar os problemas, a Direcção da AEIST fartou-se de procurar e lá encontrou dados sobre a Educação e a produtividade de Portugal e de outros países, recolhidos em fontes como a Eurostat, a OCDE, a Morgan Stanley e um estudo com o sugestivo nome "Die wirtschaftliche und soziale Foerderung der Studierenden in den Laendern der Europaeischen Gemeinschaft - 1992". Este estudo pretende (e consegue de forma eloquente) traçar o panorama do Ensino Superior nos países da União Europeia, mostrando até onde chega o sub-desenvolvimento português nesta área. Foi interessante notar que os outros países da Europa facultam mais e melhores informações sobre a Educação em Portugal do que os serviços próprios nacionais (Ministério da Educação, INE e outros), os quais por acaso até são pagos com o dinheiro dos nossos impostos. O Estado português pura e simplesmente não fornece estes dados nem às instâncias comunitárias (o Instituto Jean Monet em Lisboa possuía dados de todos os países europeus à excepção de Portugal).

Desta busca resultou o documento "Educação em Números", o qual tem uma capa muito simbólica com a palavra Educação com um grande ponto de interrogação por baixo.

Pela sua análise podemos constatar que a tão proclamada justiça social é a maior das hipocrisias quando uma família gasta em média mais de 25% do que ganha para manter um filho a estudar no Ensino Superior, a taxa de esforço mais elevada dos países

comunitários; que o custo da mão-de-obra portuguesa está ao nível da de países como Taiwan e Singapura; que a produtividade per capita é a mais baixa da Europa; que nem a Turquia tem um nível de formação da população activa tão baixo. Mas a Educação é uma prioridade nacional.

Na semana passada, o Prof. Diogo de Lucena da Fac. de Economia da Univ. Nova de Lisboa disse numa conferência sobre Economia Portuguesa que "a realidade é que não existem empregos para pessoas com mais de 45/50 anos. Não há nada a fazer porque não podem ser reconvertidas e o problema devia ter sido equacionado há 20 ou 30 anos atrás". Mas não foi. Nem está a ser. A população activa portuguesa continua sem qualificação e envelhece a um ritmo crescente. Como é que será quando tivermos uma taxa de desemprego superior a 25% como em Espanha e tivermos que dar metade do nosso ordenado à segurança social para esta não falir?

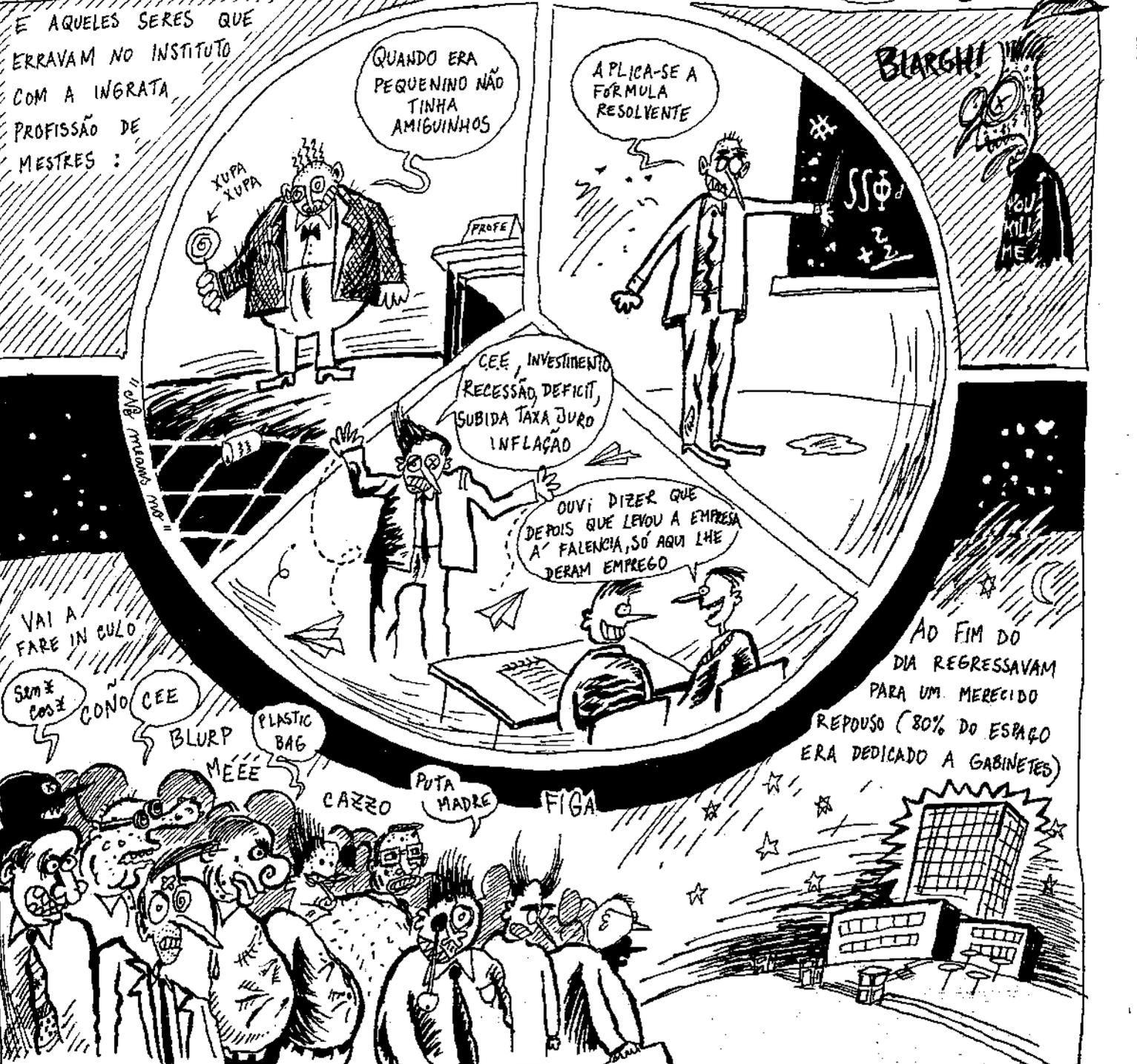
Leiam o documento. Depois estudem, tirem boas notas e candidatem-se a um Erasmus para se irem embora daqui. Com sorte ficarão lá e conseguirão fazer algo das vossas vidas. Se forem mais corajosos fiquem e lutem por aquilo em que acreditam. Façam o que puderem para mudar o estado das coisas, para que os vossos filhos tenham orgulho desta terra onde nascerão. Mesmo que o vosso grito seja solitário, que rumem contra a maré.

Em último caso podem sempre optar pela via confortável e acomodarem-se, verem as telenovelas todas, acreditarem em contos de fadas, jogar no Totoloto e dizerem calmamente recostados no sofá: "se eu mandasse..."

NA CAVE, OS LABORATÓRIOS ULTRAMODERNOS INTEGRAVAM
TECNOLOGIA DE PONTA (ESTILO APARELHOS DE 1857)



E AQUELES SERES QUE
ERRAVAM NO INSTITUTO
COM A INGRATA
PROFISSÃO DE
MESTRES :



PARA CIMA E PARA BAIXO

"TRABALHOS" NO CAMPUS DO IST

Carlos Ramalho, Emanuel Moreira

Deparamos com inúmeros construçōes no Campus do Técnico, ouvimos muitas histórias sobre outros projectos mos, pouco se sabe... Fica aqui o nosso contributo!

Para além dos alunos com lugar nos órgãos de gestão da escola (excepto no ineficiente Conselho Pedagógico) ou na Direcção da AEIST, apenas alguns curiosos saberão em que consistem as enormes construções no Campus do IST. Cresceram e apareceram...

Após a óbvia constatação da sua presença (não passam concerteza despercebidos) surgiu a primeira "informação" em tom de escândalo na Comunicação Social. Pena é que, para a maior parte dos alunos do IST, a informação e esclarecimento comece dessa forma mediática.

Pensamos ser necessário abordar este assunto para um conhecimento que fomente a informação e debate dentro da escola. Ninguém vai ler actas da Assembleia de Representantes, do Conselho Directivo ou Científico, portanto, ninguém sabe (porventura há quem assim prefira...).

Ninguém sabe o que é a Torre Norte, a Escola de Pós-graduação e o edifício CIENCIA (esquina sudoeste do Campus), ninguém sabe para que vão servir, se significa um aumento de pessoas neste Campus, onde vamos caber, onde comer, onde estacionar o carro.....!?

A Torre Norte e o conjunto Escola de Pós-graduação\Edifício CIENCIA estão quase prontos (funcionarão concerteza em

pleno no próximo ano lectivo) constituindo parte de um projecto de expansão de infraestruturas dentro deste Campus. Também englobará a Torre Sul (ou de Química), o projecto da Sub-Alameda (pisos subterrâneos na Alameda do IST) e um edifício simétrico à cantina.

O plano de obras para todo o Campus, assim como o projecto do IST para o Parque de Oeiras, foi aprovado por esmagadora maioria na Assembleia de Representantes indigitando a Direcção do IST a proceder às necessárias autorizações e construções. Esta preparará até final de 94 um plano de ordenamento do Campus do IST que nunca terá existido (mais vale tarde que nunca!) tendo já em conta o projecto no TagusPark (Oeiras).

Façamos a primeira apresentação...

TORRE NORTE

Tem um financiamento de origem múltipla: PEDIP, Projecto CIENCIA e FUNDETEC e o seu objectivo principal seria o apoio ao Ensino em 3 Licenciaturas (Electrotecnia, Informática e Gestão Industrial). Teria uma componente mais pequena de Investigação através do CIENCIA (este processo será melhor explicado em seguida).

Eutretanto, o Conselho Científico do IST definiu a distribuição de espaços, sem informar o FUNDETEC, segundo um plano aprovado por unanimidade. Este plano uada teria a ver com o estabelecido pelo Protocolo FUNDETEC-IST.

Segundo o Prof. Sentieiro (Vice-Pres. do Departamento de Electrotecnia e de Computadores) tenton-se um equilíbrio entre as várias necessidades, mas já na perspectiva

de que se iria construir a Torre Sul e no Campus de Oeiras (zona de implantação do projecto TagusPark). Assim destinou-se grande parte da Torre para o Departamento de Electrotecnia (DEEC) e numa mais pequena para o Departamento de Matemática (área de Investigação no âmbito do projecto CIENCIA).

INSTALAÇÕES DA TORRE

Composta por 13 pisos, 8 dos quais envidraçados, inclui componentes pedagógica, científica e de serviços dos Departamentos envolvidos.

A área de frequência de grandes massas de alunos é constituída pelos pisos inferiores devido às dificuldades de acesso aos andares seguintes. As instalações técnicas ocupam todo o piso 02 e uma parte do 01 (pisos subterrâneos). Este último inclui 1 laboratório de Investigação, a Cafeteria, salas de terminais, sala de estudo e 2 laboratórios de Ensino.

Nos pisos 0 e 1 estão situadas as principais áreas pedagógicas. No primeiro situam-se 2 anfiteatros (117 alunos cada), uma sala polivalente (70 m² para múltiplas actividades) e a recepção. No segundo mais 2 anfiteatros (75 alunos cada) e a Biblioteca que engloba serviço de apoio, área de exposição de publicações recentes, sala para consulta informática ligada em rede com todas as bibliotecas do Técnico, sistema CD ROM, zona de leitura,...

Continuando a subir temos, na parte anterior à Torre propriamente dita (3º piso do edifício), uma esplanada. A parte envidraçada começa com 8 salas de aulas no seu primeiro piso e no seguinte mais 1 sala de aula e 3 laboratórios de ensino. A partir daqui todas as instalações estão vocacionadas para

apoio a trabalhos finais de curso normalmente efectuados em condições precárias, gabinetes de docentes e serviços de Departamento. Todos os laboratórios aí existentes servirão, portanto, áreas de Investigação e apoio a trabalhos de alunos finalistas.

O Prof. Sentieiro considera que as salas de aula existentes na Torre deverão ser um recurso gerido globalmente pela escola, segundo o critério de que não devem existir alunos privilegiados de determinadas Licenciaturas. Significa que, tal como as restantes salas do Campus, qualquer Licenciatura poderá, se assim a Escola o entender, usar esses espaços.

O Protocolo FUNDETEC-IST estabelece, no entanto, algo diferente.

DIVERGÊNCIAS

A polémica relativa aos espaços da Torre diz respeito ao contrato firmado entre o FUNDETEC e o IST com o apoio de três Ministérios. O FUNDETEC é um consórcio de 26 empresas cujo objectivo é incentivar quantidade e qualidade de licenciados, mais preparados para o mercado existente, em 3 áreas: Electrotecnia, Informática e Computadores, Gestão Industrial.

O protocolo assinado visava criar e equipar instalações no Campus do IST (edifício de Novas Licenciaturas e Torre) para o ensino nestas áreas específicas e segundo certos padrões de qualidade. São suportados 25% dos custos pelo FUNDETEC e o restante pelo PEDIP. Só mais tarde surgiram os últimos 3 andares pagos pelo Projecto CIENCIA. Segundo este Protocolo, a Torre deveria estar pronta há 3 anos atrás!

O Prof. Tribolet refere, como Presidente do FUNDETEC, que "não há capacidade de memória na gestão do IST...., há muitos que nem sequer leram o protocolo e não estão interessados em ler, pois isso implica limitações à sua capacidade de decisão. Decide-se algo num Conselho Científico...., depois vem outro e decide que assim é que é melhor...". Segundo este Professor, o IST ao assinar aquele protocolo aceita que, naquele âmbito, os alunos beneficiados são especiais, "não se trata de alunos de 1ª ou de 2ª mas de

um projecto específico para esta área...., se, por exemplo, os Docentes de Química arranjam fundos da mesma forma eu acho ótimo!".

O edifício de Novas Licenciaturas é o exemplo mais visível do não cumprimento do acordo: uma Comissão que deveria analisar regularmente o funcionamento das Licenciaturas em causa com parâmetros rigorosos reuniu apenas um ano; os espaços não são usados como estabelecido e não há seguro nem dinheiro para manutenção dos 500.000 contos de material informático daquele edifício.

Por outro lado, argumenta-se que o protocolo não é cumprido por ambas as partes. O aumento do número de clausus destas Licenciaturas excedeu o acordado, o programa de bolsas de estudo que o FUNDETEC iria dirigir para este projecto nunca apareceu e que a conjuntura é, neste momento, completamente diferente da existente na altura do acordo. Segundo o Prof. Sentieiro "nem se sonhava com o Pólo de Oeiras...., o facto de não estar a ser cumprido significa estar desadequado e necessitar de ser reformulado".

Como nota fica a informação de que a cláusula nº15 do Protocolo estabelece que, em caso de litígio, não se trate o assunto nos tribunais, mas internamente numa Comissão Arbitral. "Para Bem do Técnico"!!

REVISÕES

Entretanto, surge no passado dia 16 de Março uma Comissão mandatada para conduzir o processo do Parque de Oeiras (em que figura o Presidente da Associação de Estudantes em representação dos alunos). Uma das tarefas desta é a elaboração de uma proposta de alteração do Protocolo situando-o na nova conjuntura e tendo em conta o já efectuado.

Aparentemente, todos estão de acordo que a solução será reformular todo o protocolo FUNDETEC-IST. Outros espaços poderão surgir para cumprir os objectivos então definidos (já lá vão cerca de 5 anos) mas, obviamente que a vaga de alunos a beneficiar ficou a perder nesta contenda.

Certamente que o TagusPark será uma miragem para grande maioria dos que frequentam hoje o Técnico.

Emerge daqui a segunda apresentação...

TAGUSPARK

O projecto "TagusPark" aparece como a concretização possível de uma ideia mais ambiciosa denominada "Projecto Portugália". Este consistia resumidamente num grande Parque Tecnológico capaz de englobar um Sistema Universitário de formação (desde pós-secundário ao doutoramento), Investigação, Centros de transferência de tecnologia, Empresas, áreas de serviços...

Pretendia-se aplicar um conceito de qualidade de produção acelerada de pessoas e de "know-how" para o desenvolvimento económico em Portugal. Para isso buscar-se-ia esse conhecimento onde fosse preciso, criar-se-ia uma vida académica eficaz (alunos em residências no próprio Parque, vários



níveis de formação tecnológica no mesmo meio físico,...), tudo isto para uma optimização dessa produção de recursos humanos. A complicada questão do financiamento de um projecto destas dimensões resolvia-se com a exploração de uma componente imobiliária integrada no projecto. O plano existente previa uma área de 1.500 hA na zona de Santarém.

No entanto, o projecto não vingou (consideraram-no megalómano!) tendo o Governo integrado esta ideia no Parque de Ciências e Tecnologia em Oeiras. Surge então o Consórcio TagusPark com uma vertente académica e científica de que faz parte a UTL, o IST e o INESC prefazendo uma área de cerca de 30 hA. O sistema de Campus Académico seria composto, segundo a intenção do Prof. Tribolet (um dos ideólogos deste projecto), por uma pirâmide de formação com 5.000 estudantes de formação profissional especializada, Bacharelato, Licenciatura e Pós-graduação numa partilha de infraestruturas e de conhecimento. Incluir 1.500 alunos em cerca de 4 hA de residências.

Estão já concebidos o projecto e maquetes de todo este espaço mas apenas estão feitas algumas infraestruturas (esgotos, arruamentos, terraplanagem,...e ainda uma palmeira oferecida pela D. Teresinha!) da área relativa ao INESC que nada tem que ver com investimento do IST.

Concretamente, o que interessa aos alunos...

Pretende-se arrancar com a componente académica do Parque em Outubro de 95. Entretanto aprovam-se números no Conselho Científico em que se assume que entre 2.500 e 3.000 alunos irão para o Parque de Oeiras enquanto ficam entre 7.500 e 8.000 neste Campus da Alameda. Isso corresponderá a cerca de 2 terços da Licenciatura de Informática e 1 terço da de Electrotecnia, tendencialmente as áreas mais ligadas ao INESC, uma vez que este Instituto ficará centralizado em Oeiras.

Denotar que isto corresponde à filosofia de parte dos Docentes de que nenhuma das grandes Licenciaturas possa abandonar completamente o Campus. Ainda citando o Prof. Sentieiro a ideia é de "explorar

complementariedades e não sobreposições entre pólos".

Por outro lado, o IST não tem dinheiro nem se candidatou a nada (até este momento) para as suas instalações em Oeiras. Todo o investimento foi efectuado aqui na Alameda apesar das boas intenções para a área de que dispõe no Parque.

Para evitar ansiedades convém esclarecer que apenas irão para o Parque os alunos que se candidatem especificamente para lá, isto é, após uma fase inicial de transição o ingresso será efectuado separadamente para ambos os Campuses. Não haverá por isso transferências compulsivas de alunos que tenham iniciado o seu curso na Alameda.

Finalmente as últimas apresentações...

MAIS EDIFÍCIOS

No topo sudoeste do Campus situa-se a Escola de Pós-Graduação (Mestrado e Doutoramento) juntamente com o edifício CIÊNCIA, que ressalta à vista pela singela invasão da via pública, qual imponente Promontório sobre dois vastos metros de passeio! As primeiras instalações são especificamente para aulas e trabalhos de Pós-graduação e as segundas para Investigação Científica.

O projecto da Sub-Alameda surge a princípio como tentativa de resolução dos problemas de estacionamento automóvel desta zona. Entretanto é-lhe colocada uma área pedagógica constituída por 45 salas de aula, 5 anfiteatros, 10 salas de computação, 8 salas de estudo e 3 laboratórios (num total de 6.285 m²) restringindo a capacidade de estacionamento a 1.200 lugares. A Associação de Estudantes irá usufruir também deste projecto triplicando a sua área actual.

No entanto, todas as alterações a este "bunker" de sete pisos levantam um grave problema relativamente à Câmara Municipal de Lisboa e ao Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR).

Nenhum dos edifícios em construção está licenciado pela C.M.L., nem esta tem conhecimento do projecto da Sub-Alameda.

Um decreto lei de 91 dispensava Organismos do Estado como o IST de autorização camarária mas, este foi ratificado pela Assembleia da República em 92 sujeitando as instalações universitárias ao licenciamento Municipal.

No início de 1992 houve negociações entre o IST e a CML tendo-se o primeiro comprometido a apresentar um Plano Director de todos os projectos do Campus. Segundo o Sr. Eng. Fonseca Ferreira (C.M.L.) este plano visava integrar o que fosse integrável e analisar os impactos urbanísticos das construções. Passados 2 anos o plano não foi apresentado.

O projecto da Sub-Alameda surge como solução de estacionamento automóvel o que à partida agradou à Câmara. Esta, por solicitação da Direcção do IST, designou um representante para o júri do Concurso. O representante da Câmara retirou-se do processo quando verificou que o projecto incluía já diversas áreas pedagógicas sem comunicação prévia.

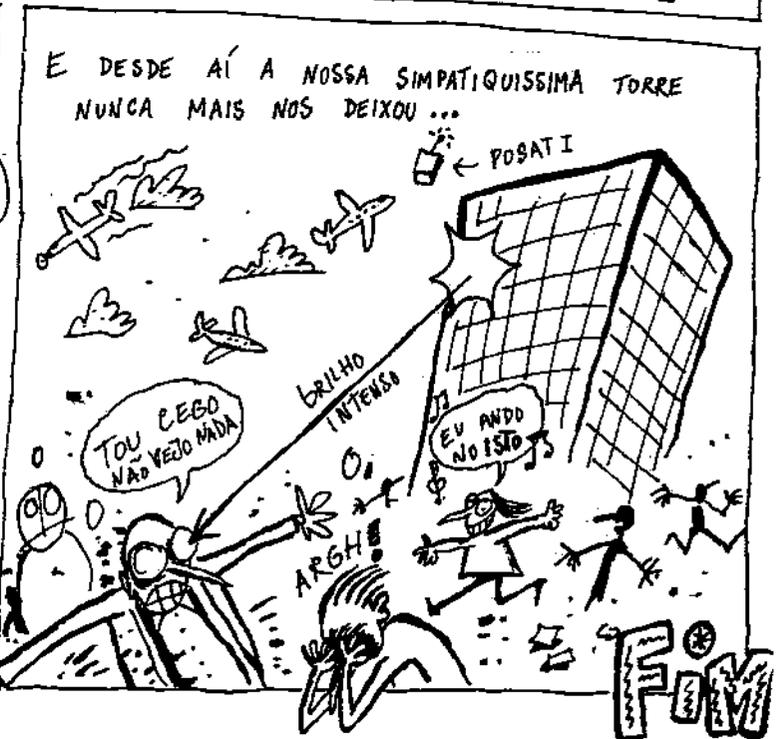
O IPPAR só em Dezembro de 93 recebeu os projectos dos edifícios apesar do seu parecer ser obrigatório, em consequência da classificação do Campus do IST como imóvel de interesse público em 30 de Novembro de 93. Recebeu e não os aprovou!

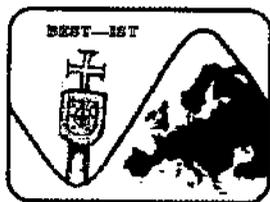
Estamos perante um processo em que o diálogo foi interrompido e que se espera ser resolvido com uma reunião a decorrer nas próximas semanas. Esta reunião, que parece definitiva, incluirá a CML, o IPPAR, a CCR (Comissão Coordenadora Regional de Lisboa e Vale do Tejo) como organismo governamental e a Direcção.

A Direcção do IST preferiu comentar todos estes casos após o termo das obras e das conversações. Esperamos futura oportunidade...

Este artigo apenas pretende contribuir para a clarificação destes problemas. E, se nos for permitido, sugerimos que todas as partes se sentem à mesma mesa e resolvam satisfatoriamente esta importante questão. A imagem do Técnico seria beneficiada se uma solução consensual fosse encontrada.

Fazemos aqui os nossos votos de sucesso.





CURSOS DE VERÃO DO BEST — 1994

Board of European Students of Technology — Grupo Local do IST

O programa de cursos de verão do BEST consiste em diversos cursos, destinados a alunos das universidades-membro do BEST. O aluno suportará a sua deslocação, tendo a universidade organizadora de suportar os custos de alimentação e alojamento. Em último recurso, esta poderá exigir o pagamento de parte destes custos, num máximo de 100 ECU (o que raramente sucede).

Candidaturas:

• Os alunos poderão receber na sala do Grupo Local do BEST ou na Direcção da AEIST um conjunto de 3 folhas, uma sendo o guia de candidatura e as restantes conteúdo um conjunto de recibos.

• Por cada candidatura a um curso deverá ser liquidada a quantia de 500\$00, na contabilidade da AEIST (junto à Secção de Folhas).

• Cada curso requer um nível e tipo de estudos específico, o qual está descrito na documentação de cada curso, no panfleto que editamos com a relação e resumo dos cursos.

• Responder a todas as perguntas, em Inglês, com letra legível.

• Juntar o currículo completo e a média de curso à data da inscrição (arredondada às décimas).

Crítérios de pré-selecção

Os critérios adoptados têm peso igual, pontuação de 0 a 3, e são:

1. «Grades»: Média de Curso (não ponderada) actual.

10-11: 0,5 11-12: 1 12-13: 1,5
13-15: 2 15-17: 2,5 17-20: 3

2. «Year»: Ano do curso frequentado.
5º ano, recém-licenciados, alunos de mestrado ou doutoramento: 2,5

4º ano: 3 3º ano: 3
2º ano: 1,5 1º ano: 0,5

3. «Course»: 3 se o Curso de Verão está directamente relacionado com o curso; progressivamente menos segundo o grau de relação (a variação é definida para cada Curso de Verão - ver tabela a afixar na vitrine do BEST).

4. «Activities»: a cotação é atribuída segundo o número e tipo de actividades extra-curriculares. Contam em particular:

- participação activa em associações, clubes, etc, que denotem variedade de interesses e abertura de espírito;
- outros cursos de valorização científica e cultural em que tenha participado;
- diplomas que atestem o conhecimento de línguas estrangeiras.

5. «Reason for applying»: cotação atribuída face às razões apresentadas no documento anexado (conteúdo do texto de motivação).

• Cotação final: máximo de $3 \times 5 = 15$ pontos.

• Alunos que não sejam do IST: correcção de -2,5 pontos.

Aqui fica a relação dos cursos disponíveis por data e universidade. Incluímos mais um curso, que não constava do folheto dos cursos de verão, cuja informação apenas agora nos chegou (de 6 a 15 Set., em Bruxelas). Há ainda a salientar uma alteração na data do curso de ENSAM—Lille, que passa a ser de 6 a 16 Set., e não de 1 a 15.

- | | |
|--|---|
| <p>1—15 Jul., ENSAM—Bordeaux, France
«Introduction to computer assisted design and conception»</p> <p>2—16 Jul., University of Veszprém, Hungary
«Alternative energy sources»</p> <p>2—17 Jul., Univ. Politecnica de Cataluña—Barcelona, Spain
«CIM: Mechanical industry»</p> <p>3—16 Jul., Tech. Univ. of Budapest, Hungary
«Restarting the regional flight in eastern Europe»</p> <p>4—15 Jul., University of Patras, Greece
«Total ecology technological studies»</p> <p>11—23 Jul., Tallinn Technical University, Estonia
«The role of information in the changing society»</p> <p>17—31 Jul., Politecnico di Torino, Italy
«Technological challenges for energy in Europe»</p> <p>18—31 Jul., Slovak Tech. Univ.—Bratislava, Slovakia
«Computer aided control systems design-CACSD»</p> <p>18-29 Jul., Univ. de Coimbra, Portugal
«Renewable energies: sun, wind and waves»</p> <p>18-29 Jul., Univ. de Coimbra, Portugal
«Hydroelectric power plants»</p> <p>25 Jul.—7 Aug., Université de Liège, Belgium
«Modelling of thermal equipments»</p> <p>25 Jul.—7 Aug., Université de Liège, Belgium
«Management of water resources»</p> <p>30 Jul.—12 Aug., Tech. Univ. of Denmark.
«Computer aided mathematical modelling»</p> <p>30 Jul.—14 Aug., Lund University, Sweden
«Molecular reognition»</p> <p>30 Jul.—14 Aug., Lund University, Sweden
«Production management»</p> <p>31 Jul.-13 Aug., Inst. Sup. Técnico, Portugal
«Land and Underwater Mobile Robotics»</p> <p>1—12 Aug., Univ. Cath. Lovain-La-Neuve, Belgium
«Microelectronics: technology and circuits»</p> <p>13—29 Aug., Tech. Univ. Timisoara, Romania
«Architecture, structure and environment»</p> | <p>14—27 Aug., Tech. Univ. Eindhoven, The Netherlands
«Intercultural communication and management»</p> <p>15—26 Aug., Chalmers Univ. Technology, Sweden
«Life cycle assessment»</p> <p>21 Aug.-3 Sep., Helsinki Univ. Tech., Finland
«Mobile communications: connecting people»</p> <p>21 Aug.—4 Sep., Warsaw Univ. of Tech., Poland
«Mathematical modelling & environmental monitoring in Poland»</p> <p>22 Aug.—3 Sep., Riga Technical Univ., Latvia
«Recycling of materials»</p> <p>22 Aug.—3 Sep., Univ. of Trondheim, Norway
«Safety and reliability»</p> <p>29 Aug.—9 Sep., ENSAM—Aix-en-Provence, France
«Laser treatments»</p> <p>3—16 Sep., ENSAM—Cluny, France
«Power laser and applications»</p> <p>5-16 Sep., The Royal Institute of Technology—Stockholm, Sweden
«Management and the engineering process»</p> <p>5-16 Sep., The Royal Institute of Technology—Stockholm, Sweden
«Practical applications of lasers»</p> <p>5—17 Sep., Supélec—Cercle Europe. Paris, France
«Energy and electrical machines»</p> <p>5—17 Sep., Univ. degli Studi di Roma «La Sapienza», Italy
«Environmental management»</p> <p>6—15 Sep., Free Univ. Brussels, Belgium
«Management for Engineers»</p> <p>Background: at least 2 years in Engineering.
6—16 Sep., ENSAM—Lille, France
«Railways and high speed trains technologies»</p> <p>12-23 Sep., Inst. Nat. Poly. Grenoble, France
«Magnetic fields»</p> |
|--|---|

INTERCÂMBIOS

pelos BEST, Rute Barros (1) e Luísa Marques da Silva (2)

« Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
todos os lugares onde estive,
todos os portos a que cheguei,
todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
(...)

E tudo isso, que é tanto, é tão pouco para o que eu quero.»

Fernando Pessoa

(1) Uma semana na Suécia

O objectivo máximo do BEST é, ao fundo, despertar em nós esse desejo de querer muito alargar os nossos horizontes e sonhos, ou seja, que entre outros aspectos da nossa vida, a nossa vida académica não se limite ao nosso curso, aos nossos livros, aos nossos colegas, à nossa cidade...

Para isso, e além dos cursos de Verão e de outras iniciativas, o BEST organiza também intercâmbios entre diferentes universidades de diferentes países! Um intercâmbio dá-te a oportunidade de conheceres pessoas novas, maneiras de pensar e de sentir diferentes, conhecer novas culturas... Este ano o grupo local de Lisboa organizou 2 intercâmbios, um entre o Técnico e a universidade de Louvain-la-Neuve, na Bélgica e outro entre o Técnico e a Universidade de Chalmers, na Suécia, devendo este realizar-se na última semana de Abril!

Aparece no BEST (existe um horário de atendimento na porta) e inscreve-te! Só tens de pagar a viagem e, em contrapartida terás alojamento e refeições gratuitas e a oportunidade de viver uma semana diferente, com jovens estudantes diferentes, um país diferente - SUÉCIA!!!!

Aproveita, intensamente e com alegria, cada minuto dos teus vinte anos! Afinal, como escreveu um dia Jean-Charles de Lacretelle:

«Cedei-me os vossos vinte anos, se nada fazeis deles!»

(2) Diferenças culturais, ou visita à Bélgica

Depois de passar uma semana a fazer a mala, muito preocupada com as temperaturas negativas que se faziam sentir por toda a Bélgica e de carregar, por Paris inteira, uma mochila de 20 quilos, foi um bocado decepcionante ser recebida em Bruxelas por um Belga de calções. Reza a história que o Didier anda sempre de calções, mesmo quando corre o risco de congelar as perninhas com 10 graus abaixo de zero. Era realmente impressionante olhar para aqueles joelhos meio roxos, especialmente naquelas noites glaciares. No entanto, tenho que concordar que era a indumentária mais acertada para se viver naquelas casas hiperaquecidas, onde se tomava banho de água praticamente fria e se dormia de janela aberta.

Foi chocante para nós portugueses— e em especial para o Pedro— vê-los respeitar exaustivamente a regra de prioridade à direita. Foi chocante para eles belgas— e em especial para todos— ver a Inês atravessar uma passeadeira com o sinal de peões vermelho e o Rodrigo a passear na linha de comboio. Mas, apesar do «choque de culturas», a nossa coexistência foi pacífica.

Ficámos instalados em Louvain-la-Neuve, uma cidade com vinte anos de idade, construída única e exclusivamente para o funcionamento da Universidade Católica de Louvain e albergue de 20.000

estudantes. Aliás é incrível como se consegue estudar num país com mais de 600 tipos de cerveja, onde qualquer clube estudantil miserável tem 4 ou 5 torneiras de cerveja podendo estas chegar aos 12 graus!!! Como podem calcular não é preciso beber muito para passar uma noite a rir estupidamente.

Em nossa honra organizaram uma festa portuguesa, com vinho do Porto quase à descrição. Essa mesma noite— havemos sempre de o lembrar com saudade— foi o palco da maior buba colectiva— leia-se Luso-Belga— jamais vista.

Para além de nos terem proporcionado umas noitadas bem giras, os nossos belgas mostraram-nos a Bélgica de uma ponta à outra. Estivémos em Brugge (a cidade mais bonita belga), em Namur, Liège (e os malditos 297 degraus que nos obrigaram a subir) Dinant e, claro está, Bruxelas, com muito mais personalidade do que imaginávamos.

Visitámos uma noite à luz das tochas, o castelo de Buillon. Fomos ao museu da banda desenhada, e custou-nos bastante a aceitar a quantidade astronómica de banda desenhada que cá nunca apareceu. Só Ric Hochets têm uns 45, sem falar nuns 10 Spirous que nunca vi cá. De qualquer maneira a Bélgica é a Pátria de Hergé, Morris, Peyo, etc... Lanchámos no Falstaff, um dos cafés mais «in» de Bruxelas com um chocolate quente «do melhorio» e um criado da Figueira da Foz. Os audazes foram ainda passear de bicicleta, por Damme.

Voltámos cheios de vontade de lhes mostrar o que o nosso país tem de melhor: o fado, a sardinha assada, as pessoas, o Gerês, o tintol, Évora, os rios, o Sol, os Jerónimos, Coimbra, Lisboa, os Madredeus, a sangria, Sintra, cães, gatos, Alfama, Tejo, a calçada, eléctricos, o castelo e nós.

FOGUETES EUROPEUS ATINGEM PORTUGAL

Secção Aeroespacial

Não se assustem. O mundo não acaba amanhã. São Foguetes experimentais e quem os lança somos nós.

Descobre mais lendo o artigo.

A Secção Aeroespacial da AEIST (SAerAEIST) encontra-se viva e de boa saúde, apesar de muito pouca gente saber da sua existência. De facto esta secção sofreu há pouco tempo uma grande reestruturação a nível organizativo.

Queremos desta forma apresentar a secção e as suas actividades passadas, presentes e futuras.

A SAer foi fundada há cerca de 3 anos, quando um grupo de jovens da Associação Juvenil de Ciência - Grupo de Técnicas Aeroespaciais (AJC-GTA), e, simultaneamente alunos do Técnico resolveram criar dentro do IST um local onde se pudessem encontrar, discutir e desenvolver actividades relacionadas com o Espaço. Assim, e com o apoio da AEIST, criou-se a Secção Aeroespacial da AEIST, sendo neste momento uma das secções autónomas mais activas da Associação.

As actividades têm sido desde então têm sido essencialmente campanhas de divulgação e introdução às técnicas aeroespaciais, com especial relevo para a campanha nacional «A Escola e o Espaço», na qual os elementos da Secção se deslocaram a escolas secundárias (uma por Distrito) transmitindo, de um modo informal, conceitos básicos sobre a concepção de foguetes, que

os alunos tiveram oportunidade de construir e, por fim, lançar.

Paralelamente, a SAer encontra-se vinculada a diversos projectos nas mais variadas áreas, sendo exemplo disso a campanha de lançamento de foguetes experimentais a decorrer actualmente, várias iniciativas conjuntas com alguns Departamentos do IST, nomeadamente com

e outras Universidades e culminarão na III ELC - 3ª Campanha Europeia de Lançamentos, em Portugal, de forma a permitir integrar as diversas actividades da Secção.

Por decisão do Main Board do Youth & Space (Y&S) - Associação Europeia de Grupos de Técnicas Aeroespaciais (da qual a SAerAEIST é parte activa) - vai ser realizado em Portugal no verão de 1996 a 3ª ELC, evento que vai juntar no nosso País cerca de duas dezenas de foguetes experimentais de diversos pontos da Europa e talvez até dos EUA, alguns Made in SAerAEIST. Foi também decidido que ficasse a SAer responsável pelo secretariado desta Organização, o que possibilita um contacto mais directo com tudo o que se faz nesta área, em vários Países da Europa.



**Secção
Aeroespacial**

os Departamentos de Mecânica e de Electrotécnica e de Computadores. São também projectos da Secção Aeroespacial a construção de três foguetes experimentais, para lançar durante a 3ª ELC.

III ELC EM PORTUGAL

Estes Projectos, bem como outros em curso, contam com a colaboração de empresas

CONFERÊNCIA ESPACIAL ELECTRÓNICA

No âmbito da divulgação de temas relacionados com as técnicas aeroespaciais e temáticas do Espaço em geral, será criada, pela Secção, uma conferência numa BBS dentro dos próximos meses. Para isso, foram já efectuados contactos a nível nacional e internacional, pretendendo-se criar um espaço de divulgação dinâmico onde os utilizadores poderão ver esclarecidas as suas dúvidas nas áreas abordadas, bem como obter informação diversa sobre as actividades da Secção Aeroespacial, tal como das de outros grupos directa ou indirectamente a nós ligados.

Se ficaste de alguma maneira interessado ou curioso sobre algum dos nossos projectos, não fiques à espera da BBS. Vem ter connosco.

AVENTURAS E DESVENTURAS DE QUICO AZEITONA, O JUSTICEIRO

Valentina Garcia

O Justiceiro

A primeira aventura da saga de Quico Azeitona, heróico defensor da honra da Técnica e incansável inimiga dos burlões deste Instituto.

Outras se lhe seguirão, com toda a certeza. Baseada em factos verídicos decarridas durante a última época de exames.

Primeira época de exames. Anfiteatro FAI, a trinta minutos do fim do exame de Álgebra Linear.

A mafia estava instalada. Os criminosos rejubilavam de contentamento, certos de que iriam escapar ilesos de mais uma acção terrorista contra o I.S.T.. Sim, porque todos os alunos são potenciais criminosos, prontos a atentar contra o bom nome desta casa!

Todos querem usar cábulas! Todos querem copiar!

Mas eis que chega o nosso herói, possuidor da coragem e determinação necessárias para repor a legalidade. Seu nome:

Sim, porque todos os alunos são potenciais criminosos, prontos a atentar contra o bom nome desta casa! Todos querem usar cábulas! Todos querem copiar!

Quico Azeitona. O seu olhar acutilante percorre, um a um, os potenciais criminosos, apercebendo-se que as cadeiras entre os alunos se encontram peçadas de objectos pessoais e quiçá, entre eles, escondidas cábulas! É preciso estar sempre alerta...

Começa então a revistar incansavelmente todos os objectos suspeitos: malas, capas, livros, casacos, folhas de ponto... Não pede licença; isso iria pôr de sobreaviso es burlões, e a surpresa é um factor a seu favor.

Ah! Enfim descobre algo suspeito: debaixo de um livro de informática uma capa de plástico contendo várias páginas de apontamentos da matéria: cábulas,

evidentemente! A reacção do aluno não se fez esperar:

-O que é que se passa? Mas... Estou a ser assaltado?

-Por enquanto continue a fazer o seu exame.- responde Quico, sem vacilar, ignorando a interpelação do aluno e levando consigo a dita capa, para averiguações.

Poucos momentos depois, surgem os resultados "concludentes", obrigando a uma medida de força. Com tais "provas" Quico tinha que ir até às últimas consequências.

-O seu exame está anulado.- comunica, em tom peremptório.

-O quê! Mas... - balbucia o aluno.

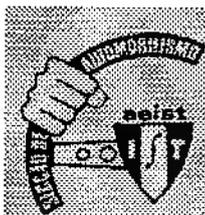
-O seu exame está anulado!!! - repete, já um pouco irritado.

-Mas porquê? Porquê? -o aluno presiste, a fazer-se de santinho, a ver se colava.

Mas Quico é um homem de vontade de ferro e põe-no no seu lugar, explodindo perante tal afronta.

-Eu sou a autoridade! Não tenho que lhe dar nenhuma justificação do meu procedimento! Eu sou a autoridade! Saia! Imediatamente!

E assim termina a primeira aventura do nosso justiceiro. Mas isto é apenas o início de uma longa longa cruzada contra os criminosos. Desta vez estes foram descobertos e punidos!!! Benza-o Deus!



Dominas o teu automovel em todas as situações?

Quais são os teus limites ao volante de um automovel?

Depois de ultrapassares esses limites como é que reages, que técnicas de condução utilizas?

Descobre tudo isto e muito mais numa pista permanente com o auxilio de monitores especializados.

Informa-te já na tua Associação dos Estudantes.

O ENSINO SUPERIOR, O MACACO PELADO E O FIM DA HISTÓRIA

Pedro Ribeiro Reis

Há dezenas de anos que os Estados gastam anualmente uma percentagem significativa dos seus recursos na Ensino. Parqué? Qual a razão que as faz ter esse enorme esforço?

No início da história a educação estava nas mãos da Igreja e das famílias. Para o Estado e para a economia mercantilista a educação tinha uma importância menor. O móbil da igreja era pregar a sua fé através da educação. E cada família só educava os seus descendentes, estando estes limitados à cultura dos ascendentes. Para a expansão dos países a cultura das suas massas não era considerada uma arma.

No meio da história, com a revolução industrial, os Estados verificaram que para se desenvolverem não podiam continuar a ter uma população analfabeta.

Foi então que realmente se iniciou o ensino público, e a corrida para o fim da história deu um grande passo. Mas qual foi o móbil para todos esses gastos? Foi social ou económico? Foi económico, não havia preocupações sociais nessa altura. Sendo assim o ensino é indiscutivelmente um investimento e não uma despesa.

Mas à medida que nos fomos aproximando do fim da história houve três

valores que a sociedade adoptou: a DEMOCRACIA, a IGUALDADE PERANTE A LEI e a IGUALDADE DE OPORTUNIDADES.

O ensino é a ferramenta mais barata e eficaz de levar à igualdade de oportunidades. A partir do momento em que o ensino teve isso em conta passou a ter também um custo social.

Resumindo, o ensino neste momento tem dois custos distintos: O SOCIAL e o ECONÓMICO. É no entanto difícil definir onde acaba um e começa o outro.

O custo social, ou o custo da igualdade de oportunidades, consiste nas verbas gastas pelo Estado para garantir que o acesso e o sucesso do estudante na educação não dependa dos factores sociais e económicos da família.

Os custos sociais, por definição, deverão ser assumidos pelo estado no seu todo e não por cada cidadão individualmente, neste caso, pelo estudante. Assim, numa perspectiva social, não faz sentido haver diferenciação dos cidadãos no acto do pagamento, com a lógica excepção dos estudantes bolseiros, que são a excepção à regra, pois numa sociedade ideal ninguém teria necessidade de bolsa.

Como atrás foi referido o móbil inicial dos gastos na educação foi puramente económico. Já foi lugar comum a afirmação de que o factor de desenvolvimento mais importante para cada país eram os seus recursos naturais. Hoje verifica-se que o mais importante é o humano e não o natural. A

“massa cinzenta” é o motor do desenvolvimento. Não é por mero acaso que já não comemos bananas todos os dias. Afinal, sempre são recursos naturais, pois o «macaco pelado» também faz parte da natureza. O ensino e a investigação científica são o investimento mais rentável que os Estados têm à sua disposição. Quanto vale $E=mc^2$? Qual o valor de um médico, de um engenheiro ou de um professor que transmite os conhecimentos?

Também é verdade que o ensino é um investimento que o aluno faz em si próprio. Mas mesmo sem pagar propinas quanto já não estamos a investir? Não quero com isto dizer que devemos ou não contribuir para o orçamento da nossa escola. ECONOMICAMENTE a única forma justa de haver diferenciação no pagamento de propinas, é em função da rentabilidade que cada um representa.

Concluindo:

-O custo da igualdade de oportunidades deve ser suportado pela sociedade e não pelo cidadão individualmente, neste caso, pelo estudante.

-No custo económico só é justo haver diferenciação em função do mérito. Sendo o ensino um investimento do Estado em si próprio, e também do estudante em si próprio, é aceitável que o Estado invista mais nos estudantes rentáveis. Pelo que não é injusto que haja uma diferenciação dos estudantes em função do mérito, desde que não ponha em causa a igualdade de oportunidades. É o mérito que deve ser premiado e não o insucesso a ser castigado.

AS CATACUMBAS DO TÉCNICO

Francisco Gonçalves, João Romão, Paulo Serra, Nuno Pereira

Crónica dos Bons Malandros

Artigo documental sobre o founo e a flora dos oafacumbos do Técnico. Aqui se fala da oscenção de um civilização subterrâneo que se preparo para conquistar o mundo e instaurar um nova ordem onde não há lugar para seres bronzeados.

Catacumbas são galerias subterrâneas, estreitas, que se alargam de onde em onde e recebem a luz por aberturas feitas na abóboda natural. São seus habitantes morcegos, alguns tipos de insectos e uns peixinhos invulgares: cegos.

No Técnico infelizmente não existiam caracumbas. Surgiram como improvisado para instalar uns tantos terminais do VAX por volta da década de setenta.

Os alunos lá se foram habituando a empilharem-se trinta a quarenta num corredor e a respirarem aqueles bons ares. Os professores nunca se conseguiram adaptar ao novo habitat

e cedo adoptaram a estratégia de mal lá porem os pés, enunciando os trabalhos nos anfiteatros e contratando alunos para lá tirarem as dúvidas.

Corredores tipo Vax são galerias subterrâneas, estreitas, que se alargam de onde em onde e recebem a luz de lâmpadas fluorescentes presas ao tecto. Tal como as catacumbas originais, apresentam alguma humidade nas paredes, mas, ao contrário destas, são geralmente caracterizados por um ar carregado de densa presença humana. São seus habitantes alunos, alguns tipos de insectos e os cada vez mais vulgares alunos com óculos.

Quem realmente adorou os novos habitats foram alguns responsáveis no Técnico, que vibraram com a brilhante solução encontrada. Em breve o Instituto estava coberto de catacumbas: se um corredor tipo Vax é tão agradável porque não projectar as novas construções para albergarem de raiz estes espécimes? E por outro lado, porque não adaptar os edifícios já existentes a extensas catacumbas?

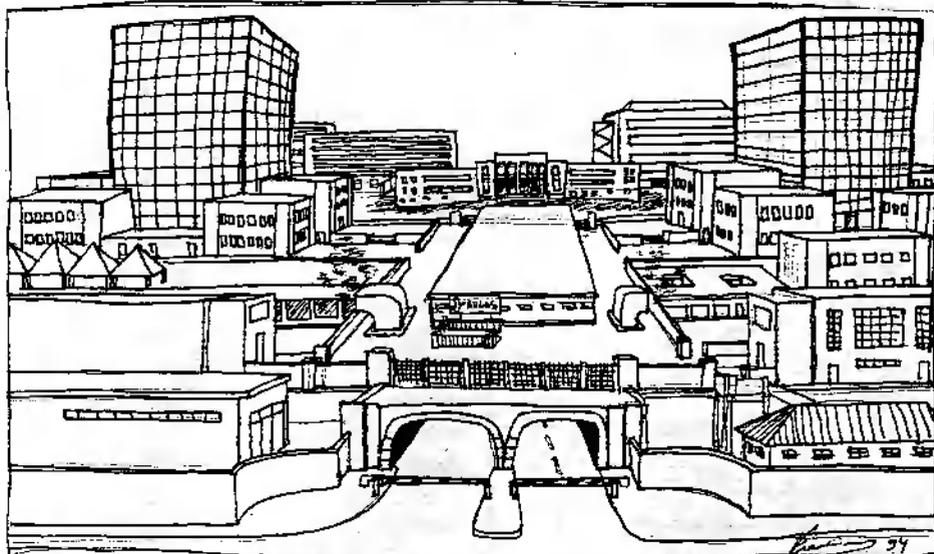
Assim, entre manifestações de regozijo dos alunos de Electrotécnica, procedeu-se

Corredores tipo Vax são galerias subterrâneas, estreitas, que se alargam de onde em onde e recebem a luz de lâmpadas fluorescentes presas ao tecto.

finalmente, ao emparedamento das últimas janelas dos corredores e salas do pavilhão de Electrotecnia voltadas para a anterior praça. A luz natural dava lugar às lâmpadas fluorescentes e o ar livre a modernos aparelhos de ar condicionado. O acto, singelo, celebrou o nascimento de um novo conceito mundial: o de 'campus universitarius subterraneus'.

Para a velha alameda, entretanto, preparam-se os bulldozers. O imenso espaço desaproveitado dará lugar a cinco anfiteatros, 45 salas de aulas, três laboratórios, um centro de documentação, mais 26 salas diversas e ainda um pequeno parque de estacionamento. Tudo claro, convenientemente em catacumbas (com construções subterrâneas foge-se por um lado ao clima rigoroso, e de raros dias

(continua)



(continuação)

ensolarados por ano, que o nosso país apresenta; e por outro lado evitamos os conhecidos malefícios do ar livre e da luz natural para o olho humano).

Munidos deste novo conceito de campus, os projectistas cedo tiveram de optar por transpor alguns pequenos obstáculos burocráticos. O fim justifica os meios e é natural das visões iluminadas terem de contornar certas resistências.

O problema do estacionamento no Técnico mostra cabalmente a grande capacidade dos nossos projectistas. Considerando apenas o novo Pavilhão de Civil e o Torreão do Fundetec, a legislação em vigor no início das obras impunha 2323 lugares de estacionamento. Dada a manifesta não necessidade de estacionamentos no interior do campus, procede-se à construção destes edifícios ignorando os regulamentos.

Mais tarde alegam-se carências de estacionamento e apresenta-se na Câmara o estudo prévio de um parque subterrâneo para, no mínimo, 1650 lugares a construir na alameda do Técnico, classificada recentemente de imóvel de interesse público. No concurso para o projecto, no entanto, já apenas figuram 1200 lugares sendo o resto os anfiteatros, salas e espaços acima descritos.

Concluindo, avançam as obras, a todo o vapor, sem licenciamento camarário e sem o parecer, obrigatório por lei, do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) permitindo assim atingir o saudável objectivo da triplicação da área útil do Instituto, dentro do Campus, em dois anos.

Queremos naturalmente congratular os responsáveis pelo excelente trabalho que têm vindo a fazer no Técnico quer no âmbito da proliferação de catacumbas; quer na sua incessante busca de maior área útil no Campus (Só aumentando o número de alunos e professores conseguiremos preencher a habitual vastidão de lugares vagos no estacionamento do IST); quer ainda, e acima de tudo, pelos seus dignos exemplos cívicos e profissionais que houram a maior escola de engenharia nacional e constituem sólidas garantias da qualidade de vida que nos agnarda caso os alunos lhes sigam as pisadas.

O SABOR DAS MARÉS

Luísa Godinho

Da falta de rumo dos movimentos estudantis.

Os movimentos estudantis vivem embolados no vai-vem dos marés sem rumo definido.

Faltam marinheiros experimentados ou falta a estrela Polar.



movimento estudantil transformou-se substancialmente nas últimas décadas.

Longe vão os tempos em que os estudantes representavam a consciência nacional, eram os protagonistas de uma luta interior que se debatia dentro de uma camada significativa da população. Longe vão os tempos em que existia uma delimitação séria de objectivos, numa vontade autêntica de transformar a sociedade, a economia, o regime propriamente dito.

Quando ia ainda nos seus primórdios, a movimentação estudantil era verdadeira, correspondia a ideais conjuntos que não eram definidos à toa, ao sabor das marés, mas que eram, antes, fruto de uma discussão aberta e séria que se alargava para fora dos muros da Universidade. O que estava em causa não era o ensino em si mas todo um estado de coisas que ia do simples nó da gravata às protegidas elites do regime. O que se queria era poder pensar livremente, fugir debaixo da asa do Estado controlador, dar aos cidadãos o direito de decidirem sobre a sua própria vida. E os estudantes não eram mais do que o eco destas

vozes recalcadas, assumindo uma atitude dianteira, transformadora do sistema.

Mas os tempos mudaram-se e os estudantes também.

O fascismo acabou e a democracia foi instaurada.

Hoje, já não se luta por um objectivo global, profundo, que mexa com o respirar das populações. É verdade.

O que se quer hoje é um ensino de qualidade, capaz de formar e preparar, que cumpra em pleno a sua função educativa. O movimento estudantil não ficou sem horizontes porque já não tem um Adamastor para deitar abaixo. Os horizontes existem desde que não se esgote a capacidade de questionar o estabelecido e a vontade de melhorar as coisas. O calcanhar de Aquiles do actual movimento estudantil não está na definição de objectivos (aliás, porque os problemas do ensino e da sociedade são gritantes), mas na forma como estes têm sido conduzidos de há uns anos para cá. Um novo sistema, imaturo e acomodado surgiu e é o grande responsável pela transformação do verdadeiro espírito estudantil.

Ao mesmo tempo que está solidamente instaurado, o novo movimento estudantil peca

"Por detrás de grande parte das associações estudantis está uma máquina partidária muito bem montada, para quem a caça ao voto está à frente dos interesses dos estudantes. E as associações vivem encurraladas entre aquilo que acham que devem fazer e aquilo que lhes permitem realmente fazer."

pela sua fragilidade. Não foi suficientemente autónomo para conseguir andar pelos seus próprios pés. Tornou-se uma peça facilmente manobrável pelo sistema e não passa, hoje, de um peão mandado nas mãos das forças políticas do nosso país. Por detrás de grande parte das associações estudantis está uma máquina partidária muito bem montada, para quem a caça ao voto está à frente dos interesses dos estudantes. E as associações vivem encurraladas entre aquilo que acham que devem fazer e aquilo que lhes permitem realmente fazer.

Mas todo este estado de coisas só se tornou possível graças ao aparecimento de uma nova figura, que serve de intermediária entre a "voz dos Deuses" e "o comum dos mortais", a mediadora entre os interesses políticos e os interesses estudantis: o politicozinho. Esta nova figura é o grande trunfo que os partidos, através das tão famigeradas "Jotas", guardam e utilizam quando mais lhes convém.

Muitos dos temas quentes foram aproveitados e manobrados por este novo sistema. A questão das propinas, por exemplo, a partir de certa altura foi utilizada consoante os gostos; ao governo interessava desviar a atenção da opinião pública de assuntos mais incómodos. Para a oposição este constituía um empolgante tema de ataque ao partido da maioria. Até serviu para dar alguma pimenta à longa história romanesca entre Soares e Cavaco. E no meio de tudo lá estava, obviamente, a criancinha destemida hipnotizada pelo símbolo do partido e que acabava por surgir como o Ás de toda a história.

O grande problema deste novo "líder estudantil" foi ter-se profissionalizado, foi ter-se tornado mais político do que estudante, um autêntico dependente de aparelhos e organizações partidárias, com ambições de poder bem delineadas. Rodeado de gente, perseguido pelos jornalistas, ofuscado pelos flashes das máquinas fotográficas - eis o expoente máximo do movimento estudantil dos nossos dias.

Obviamente que esta situação não se pode aplicar a todos os que estão nestas andanças dos "movimentos estudantis". Muitos há que, pelo seu bom senso, pelo seu

"Muitos há que, pelo seu bom senso, pelo seu empenho e pela sua visão clara das coisas não podem ser incluídos neste panorama (...). Mas esses são apenas uma minoria que escapou à epidemia do poder o que acredita verdadeiramente na consciência e força estudantis."

empenho e pela sua visão clara das coisas não podem ser incluídos neste panorama (a esses digo apenas que não "calcem a bota"). Mas esses são apenas uma minoria que escapou à

epidemia do poder e que acredita verdadeiramente na consciência e força estudantis. Esta minoria ainda consegue pensar por ela própria e distanciar-se minimamente deste novo estado de coisas. Mas não passa de uma minoria.

Agora digam-me, face a todo este panorama, como querem que os estudantes voltem a ter um papel activo na sociedade? Como querem devolver-lhes a credibilidade junto da população? Como podem eles representar as "consciências adormecidas" do país se eles próprios não estão devidamente acordados para as coisas?

É que, quando a apatia e o comodismo pervertem o sistema; quando a vontade é substituída pelos interesses individuais; quando a liberdade é usada para que os outros passem a decidir por mim, pergunto-me a mim mesma que país é este que se nos avizinha, qual será o sabor da próxima maré.



OS BANCOS, OS LADRÕES E A MOEDA.

Carlos Alexandre

Economia para Engenheiros

O sistema bancário e a moeda. No mundo surreal em que vivemos um assalto a um banco pode aumentar a quantidade de moeda no mercado de muito mais maneiras que aquelas que imaginamos.

Já alguma vez pensaram que no acto de um depósito, de um empréstimo bancário ou mesmo num assalto a um balcão de um banco comercial, se pode criar moeda?

Curioso, mas mesmo assim não deixa de ser verdadeiro. Outros agentes económicos, para além do Estado, podem criar moeda. Poderá esta não ter suporte físico mas isso não significa que não seja aceite.

Todos nós já utilizámos cartões multibanco, alguns já passaram cheques, ou

até letras. Nenhum deles necessita da existência física de moeda mas são aceites como tal.

A moeda que existe no mercado não é igual ao valor da moeda em circulação e é sempre superior a este. A moeda existente no mercado é medida pela moeda em circulação, mais os depósitos à ordem (medida de moeda M1), mais os depósitos a prazo (medida de moeda M2). Existindo outras medidas de massa monetária que para aqui não são chamadas.

É mais claro que se todos os depositantes tirarem o seu dinheiro da sua conta que não há moeda que chegue para todos. É que o dinheiro não está parado nos cofres dos bancos a fermentar. O que existe e é razoável, é uma garantia de que o valor do depósito pode ser traduzido em notas e moedas, dentro dos limites do sistema.

Ora o sistema baseia-se na credibilidade dos agentes económicos. Sem esta condição necessária, mas não suficiente, muito do nosso (relativo) bem estar material não teria sido possível. Por exemplo, a grande depressão de 1930, não teve origem no CRASH da bolsa de Nova Iorque, na sexta-feira negra em 29, mas na perda de credibilidade do sistema bancário que se seguiu e subsequente corrida aos bancos.

Vamos ver que dinheiro gera dinheiro, e ter dinheiro parado é tão bom como não ter nenhum, além de estar a perder valor.

Simplificando o problema e sem entrar em muitos detalhes temos que um empréstimo bancário vai servir um fim, por exemplo comprar uma casa e por sua vez vai gerar um depósito. Ora o dinheiro não vai ficar parado e o banco vai emprestá-lo novamente. O ciclo recomeça. Assim com a mesma moeda circulante estão-se a fazer vários depósitos, que apesar de serem menos líquidos têm na mesma poder de moeda. Isto assim era uma

(...) portanto, no assunção que o trabalho foi bem feito e nem o banco nem a polícia vão ver a cor daquele dinheiro, é mais que certo este dinheiro entrar de novo no ciclo, provocando um crescimento da massa monetária.

alegria, a massa monetária cresce geometricamente. Na realidade, os bancos ficam com uma parte da moeda em reservas de caixa para os movimentos do dia-a-dia e outra parte em reservas obrigatórias, numa percentagem dos depósitos, no banco central. Uma vez que o dinheiro que não está a ser movimentado é dinheiro morto, serve de travão ao crescimento da massa monetária.

Agora como é que um assalto a um banco contribui para o aumento da moeda no mercado. Os depósitos continuam garantidos depois do assalto. Apesar da companhia seguradora restituir os fundos, isto não vai anular o facto de existir mais dinheiro em circulação (o que à primeira vista parecia apontar a transferência de fundos da seguradora para o banco restabelecer as suas reservas de caixa). O produto do furto vai multiplicar-se como se fosse um empréstimo a fundo perdido. E por fim, na assunção que o trabalho foi bem feito e nem o banco nem a polícia vão ver a cor daquele dinheiro, porque, mesmo que as notas estejam marcadas, se for feita uma dispersão muito grande do produto do roubo, ou uma lavagem do mesmo (pela compra sobreavaliada e venda subavaliada de mercadorias ou pelo uso de instituições financeiras com menos escrúpulos), é mais que certo este dinheiro entrar de novo no ciclo, provocando um crescimento da massa monetária.

(INDIV)DUALISMO GREGÁRIO

Nelson Marques

Biblios

Os livros deste número são livros para quase crianças. Leiam-nos e cresçam mais um bocadinho. Eles encontram-se, como de costume, na Barata com 20% de desconto.

Vivemos, diz-se, num período de descaracterização de valores. Valores tidos há muito como bons, como humanos na sua essência. Valores como a solidariedade com o próximo, como a capacidade de compreender a necessidade das causas colectivas e de a elas sacrificar alguma coisa. Destas e muito mais coisas se questiona hoje a sua existência ou, pelo menos, o seu futuro. Em contrapartida acusa-se a estrutura social estabelecida de promover o Individualismo, ou melhor, de promover a alienação do indivíduo do meio onde se insere pelo consumismo mercantil de tudo o que existe: saúde, cultura, beleza, etc. Não o questiono. Pessoalmente acho que de forma alguma esta visão pessimista deve ser levada muito a sério. Também não creio, contudo, que os tempos vizinhos sejam uns de prosperação pública e Humanismo desenfreado. A virtude, e com ela a verdade, há-de estar a meio, no

equilíbrio entre a Liberdade e o Racionalismo. O que por outro lado também não se poderá fazer é reduzir esta questão a um só parágrafo de um mísero artigo (que ninguém lê de qualquer das formas, não é assim?!). O autor não pretende fazê-lo. O que se escreveu é somente um pretexto para introduzir as obras que aqui são comentadas.

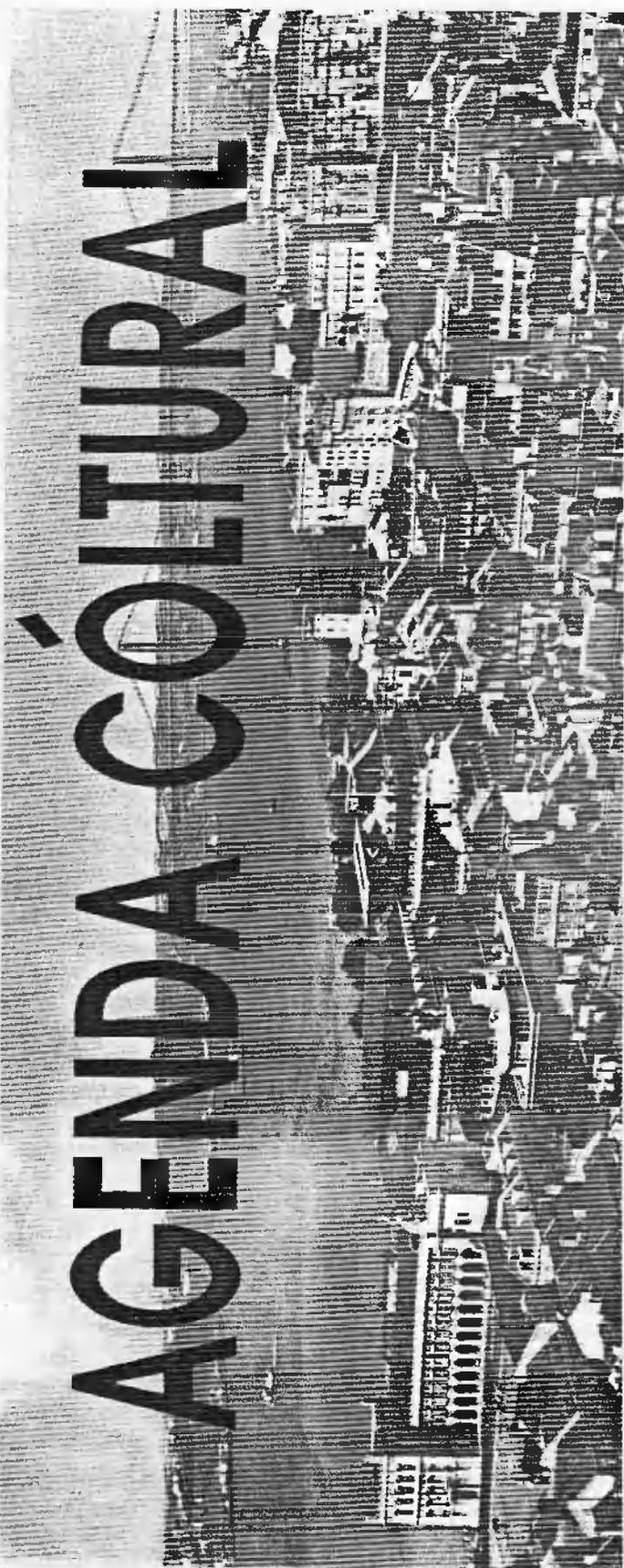
Os autores são sobejamente conhecidos, Ernest Hemingway (mais) e Richard Bach (menos). As obras seguem-nos: «O Velho e o Mar» de Hemingway e «Fernão Capelo Gaivota» de Bach. Ambas são aqui trazidas como quase fábulas («O Velho...» menos e «Fernão Capelo...» sem dúvida) onde, à falta de melhor, quem achar que tem poucas oportunidades de entrar em contacto com os ditos «antigos» valores o poderá fazer a troco de alguns cobres, demonstrando assim as amplas vantagens do Mercado. Os valores enaltecidos são os clássicos: amor, persistência, fé, mais amor e mais fé, no amor. São livros infantis para adultos, quase, tal é a primaridade do tema. Não se deixem, porém, enganar. As obras, curtas como convém, são paradigmas da beleza em escrita e da singeleza. Como lugares comuns ganham nova vida com isso e por isso.

Continuando com o tema, é como se estes livros fossem, para os respectivos autores, pontos de honra. A comparação que me ocorre é a de um realizador de 1ª grandeza (como o nosso Manoel de Oliveira), no final de carreira (tal como o nosso MO), que resolvesse pegar num filme de que já se conhecessem dezenas de versões e, com a sua, não só estabelecer a versão definitiva mas também a *Opus Magna* de toda a sua carreira. Ao fim e ao cabo este seria também o maior desafio que já defrontara: do banal e vulgar fazer arte. Estes dois livros são isso mesmo.

As histórias são fábulas, total ou parcialmente, por envolverem animais como protagonistas. Fernão Capelo é gaivota e o Velho defronta o Peixe. De notar que o Velho é isso mesmo, velho. Um velho pescador. Além disso, ambas as histórias são de procura. Incessante para Gaivota, intensa para o Velho e o Peixe. Mas o que cada um deles procura? A resposta já aqui foi esboçada. Só que a resposta completa é impossível porque, sem dúvida, dependerá do leitor e daquilo que este tiver interpretado. As histórias sai igualmente relatos de luta. Tantas vezes inconsequente para Fernão, sempre impiedosa para o Velho e o Peixe. Mas eles afinal lutam porquê? A resposta já aqui foi esboçada. Só que a resposta completa é impossível porque esta, sem dúvida, não depende do leitor mas sim de todos e do quanto cada um deles estiver disposto a acreditar nos outros.

Ambos os livros são, como já aqui se disse, curtos. Tão curtos que resumi-los seria quase que reescrevê-los. Isso não será feito portanto. O efectivo leitor das obras, além do mais, não deixará de o fazer ele próprio. Quando os comentar. Porque os irá comentar. Alguns leitores, dos mais susceptíveis (ou sensíveis, se preferirem), falo-ão mesmo logo após as terem lido, se tiverem essa oportunidade. Isto porque se sentirão nessa altura muito, muito mais humanos, amadores de tudo e de todos, como se tivessem acabado não de ler livros mas sim de ter fumado um charrito com música Folk Irlandesa ao fundo. Para maximizar estes efeitos, sem dúvida secundários, recomenda-se ler em primeiro lugar «O Velho e o Mar» e em seguida «Fernão Capelo Gaivota».

Finalizo agora com algo que, pessoalmente, extraí de «O Velho e o Mar» para meu Farol em escuras Veredas: «um homem pode ser derrotado mas não vencido». É piegas mas pelo preço acho muito bom...



C I N E M A

**CICLO 100 DIAS,
100 FILMES**

ROGOPAG, 1963
de Godard, Rossellini,
Pasolini e Gregoretti/
França

23 de Março, 18h30 na
Cinemateca
Não legendado. Quatro
episódios para descobrir.
Com Orson Welles entre
outros.

AO CORRER DO TEMPO,
1975
de Wim Wenders/ RFA

25 de Março, 21h30 no
Tivoli
Legendado. Um filme sobre
um projeccionista da RFA
e a sua máquina de sonhos.

EM CARTAZ:

AZUL
de Krzysztof Kieslowski

O filme fez furor em Berlim, aquando do festival daquela cidade europeia, primeiro filme da trilogia colorida em volta dos símbolos da República Francesa: a bandeira e «Liberdade, Igualdade, Fraternidade». Mas fez furor porquê?. Muitos se perguntam. Há quem veja em Azul a fonte de liberdade duma mulher perante a opressão a si

mesma imposta e há quem não veja nada. E agora, vão ver!

**QUANDO O CÉU E A TERRA
MUDARAM DE LUGAR**
de Oliver Stone

O filme inclui-se na trilogia de PLATOON e NASCIDO A 4 DE JULHO, e trás-nos o ponto de vista dos civis no campo de guerra. Na ante-estreia alguns choraram, outros riram e outros, ainda, também não.

O FIO DO HORIZONTE
de Fernando Lopes

Um filme com actores Portugueses feito por um realizador Português, rodado em França, falado em francês (versão original) para Português ver.

UMA VIDA NORMAL
de Joaquim Leitão

O dilema da classe média, com Joaquim de Almeida no papel principal.

LISTA DE SCHINDLER
de Steven Spielberg

O comentário dum censor do antigo regime das Filipinas: "Como pode apenas um Judeu controlar o mundo inteiro? Além do mais o filme deveria ter sido banido devido às cenas de nós."

O filme é importante, uns gostam outros não!



T E A T R O



D A N Ç A

FRAGMENTOS KAFKIANOS
Companhia Absurda

Auditório da Junta de Freg.
de Benfica
De 21 a 25 de Março, às
18h30
Já cá esteve e está de volta.

**NAQUE OU SOBRE PIOLHOS E
ACTORES** - Teatro Merio-
dional

Comuna - Teatro de
Pesquisa
Até 11 de Abril, Ter a Sáb
21h45; Dom 17h00
Faz parte da L94. Trata-se
de um espectáculo bilingue
(Português/Castelhano)
para dois actores.

A CANTORA CARECA - A
Barraca

Cinearte - Sala 1
4ª - 19h00; 5ª a Sáb. -
21h45; Dom - 17h00
Texto de Ionesco. O
absurdo da
incomunicabilidade.

ENCONTRO DE TEATRO UNIVERSITÁRIO

**GRUPO TEATRO TERAPÊU-
TICO DO HOSPITAL JÚLIO DE
MATOS**
25 de Março, às 21h30.
SALA ESTRELA 60
R. Sto António à Estrela, 60
Informações:
AEISPA tel. 888158
O BANDO tel 3953289

PONTAPÉS & CHAMINÉS
CITAC, ASSOCIAÇÃO
ACADÉMICA DE COIMBRA
26 de Março, idem

INVENÇÃO DO AMOR
ART'ISPA, ISPA
27 de Março, idem

**TRAGICOMÉDIA DA VIDA
ADULTA**
ARTE PÚBLICA
31 de Março, idem

AUTO DA PRIMAVERA
TEATRO DA ACADEMIA DE
VISEU
1 de Abril, idem

FUZE
Bi Ma Dance Company

5 e 6 de Abril, 21h30
Fundação C. Gulbenkian -
Sala Polivalente

LE LANGAGE DU SPHINX
Compagnie Ariadone

10 e 11 de Abril, 21h30
12 de Abril, 18h30
idem



EXPOSIÇÕES

**PULSARES, ARTE FRANCESA
CONTEMPORÂNEA**

CCB, até 7 de Maio das 11
às 20 horas
São 58 peças ou instalações
representativas da Arte
Francesa dos anos 80. Quem
não fôr ver só perderá.

**ÂNGELO 1993, UMA
ANTOLÓGICA - ÂNGELO DE
SOUSA**

CCB, até 30 de Abril das
11h às 20h
«um trabalho que coloca a
Arte Portuguesa actual na
frenteira das mais radicais
investigações plásticas
produzidas na Europa»

**PROJECTOS E MATERIAIS,
1993-1978 - EDUARDO S.
MOURA**

CCB, até 30 de Abril das
11h às 20h
Arquitectura de vanguarda.
Exposição que começa pelo
fim para que se perceba que
é possível começar pelo
princípio.

ROBERT WILSON

Galeria Cómicos, R. Ten.
Raul Cascais 1b (a
S.Mamede)
Até 9 de Abril, excepto
Dom. das 14h30 às 19h30
Uma instalação com base
na sua peça «Alice», que
esteve no CCB este mês.

MANUEL VALENTE ALVES

Museu de História Natural,
Rua da Escola Politécnica
Até 31 de Março, d.u. das
13 às 19h - sáb. das 10 às
17h
«madeira, fotografia e
vidro, isto é, caixas-objectos
como suporte de imagens.»

PEDRO CASQUEIRO

Gal. Módulo, Calç. Mestres
34
Até 6 de Abril, excepto
Dom. das 16 às 20h
Pintura e memória visual:
«como se de um
palimpsesto se tratasse».



CONCERTOS

**ÓPERA ESTADUAL DA
HUNGRIA**

«O castelo de Barba Azul» e
o «Mandarin Maravilhoso»
de Bela Bartok
CCB dias 6 e 7 de Abril.

JAZZ

voz: Maria João, piano:
Mário Laginha, saxofone:
Christof Lauer, percussão:
Trilok Gurtu
CCB dias 2 e 3 de Abril

PROPINAS 92/93, como é?

NÃO PAGAR NÃO IMPLICA ANULAÇÃO DA INSCRIÇÃO!

A AEIST apresentou no Conselho Directivo uma proposta de alteração ao Regulamento de Pagamento de Propinas decidida na RGA de 10 de Março.

Se esta alteração for aprovada quem não pagar as propinas não sofrerá nenhuma consequência séria. Receberá apenas uma repreensão escrita ou oral.

Há boas razões para acreditar que o Conselho Directivo aprove esta proposta na 6ª feira (dia da votação):

* os estudantes têm 4 representantes no Conselho Directivo: 3 eleitos em Assembleia de Representantes e 1 membro da Direcção da AEIST. É de esperar que os representantes dos alunos saibam defender os interesses daqueles que os elegeram;

* o Presidente do Conselho Directivo, Prof. Diamantino Durão, na Assembleia de Representantes em que foi eleito, declarou opor-se à lei das propinas (lei 20/92);

* nas Universidades e escolas em que já acabou o pagamento de propinas não foi determinada nenhuma sanção para os estudantes que não cumpriram a lei.

Mesmo que o Conselho Directivo não aprove a alteração proposta pela AEIST e não pagues, o regulamento estabelece que:

1. expirado o prazo (termina dia 31 de Março), serás notificado pela Secretaria, por via postal, do teu não-pagamento;

2. terás **trinta dias úteis** para pagar as propinas mais uma coima de 5000\$00;

3. se no fim deste prazo não tiveres pago iniciar-se-á a instrução do processo contra-ordenacional. **Serás notificado disto e em qualquer momento podes interromper o processo regularizando a situação e pagando os 5000\$00;**

4. concluída a instrução do processo será submetida a despacho do Presidente do Conselho Directivo que preferirá a decisão final no prazo de **trinta dias úteis**;

5. depois de te ser comunicada a decisão final terás ainda mais **trinta dias úteis**, a contar da data da notificação, para pagar as propinas e os 5000\$00;

6. apenas depois de concluída esta saga será aplicada qualquer sanção.

Resumindo, no mínimo dos mínimos, terás noventa dias úteis depois do prazo de pagamento para regularizar a tua situação sem que nada te aconteça!

PODES PEDIR CERTIFICADOS DE HABILITAÇÃO E CARTAS DE CURSO

mesmo não tendo pago as propinas. O Conselho Directivo aprovou 3ª feira (dia 22 de Março) uma proposta da AEIST segundo a qual qualquer aluno que não cumprir a lei 20/92 deverá continuar a usufruir dos mesmos direitos mesmo após a finalização do prazo de pagamento das propinas.

Esta decisão deve estar a chegar à Secretaria a qualquer momento.

PODES PEDIR ISENÇÃO DE PROPINAS

mesmo depois do prazo de pagamento. Basta que pagues os 5000\$00 de multa. Tens que apresentar o requerimento com uma fotocópia da declaração de rendimentos de 1991. Consulta a carta que te foi enviada há 1 ano. Se precisares pede uma segunda carta na Secretaria.